

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE ECONOMIA**

JOICE ASCINATA BARROS PAMBO

**PARTICIPAÇÃO FEMININA NO SETOR DE SERVIÇOS, EM SANTA CATARINA,
NO PERÍODO DE 2002-2014**

CRICIÚMA/SC

2016

JOICE ASCINATA BARROS PAMBO

**PARTICIPAÇÃO FEMININA NO SETOR DE SERVIÇOS, EM SANTA CATARINA,
NO PERÍODO DE 2002-2014**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Bacharel, no curso de Economia da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Profa. Giovana Ilka Jacinto Salvaro

**CRICIÚMA/SC
2016**

JOICE ASCINATA BARROS PAMBO

**PARTICIPAÇÃO FEMININA NO SETOR DE SERVIÇOS, EM SANTA CATARINA,
NO PERÍODO DE 2002-2014**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel, no Curso de Economia da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Criciúma, 04 de Julho de 2016

BANCA EXAMINADORA

Profa. Giovana Ilka Jacinto Salvaro – Doutora (UNESC) - Orientadora

Prof. Thiago Rocha Fabris – Mestre (UNESC)

Prof. Dimas de Oliveira Estevam - Doutor - (UNESC)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus por cada passo dado, pela graça de ser uma das suas maravilhosas criações e pelas constantes bênçãos nessa longa caminhada.

Aos meus pais, qualquer agradecimento do mundo seria insuficiente para expressar a enorme gratidão que carrego comigo por tudo o que têm feito por mim, muito obrigada pelo apoio, pela confiança, por contribuírem para este fim tão importante pra mim.

Agradeço muito especialmente a minha orientadora, professora Doutora Giovana Ilka Jacinto Salvaro, pela sabedoria, determinação e muita paciência que teve durante este processo, por ter sido o meu porto seguro durante a elaboração da monografia, por ser um grande exemplo de bondade e paciência. Serei eternamente grata e desejo a si o melhor que se pode desejar a alguém nessa vida.

A minha querida amiga Nilzete Rosalina, pelo amor e companheirismo, muito obrigada por fazer-se sempre presente.

Ao querido Paulo Rosa, pelo apoio incondicional e incentivo.

Minha querida Joana Aliano, agradeço-te por tudo amiga. Agradeço também aos colegas em especial o Igor Olsson, por toda força e atenção que me deu durante essa caminhada.

A todos o meu agradecimento e eterna gratidão.

**“Considere o final, não apenas o
começo. Foque no longo prazo.”**

- Frank Underwood

RESUMO

Nas últimas décadas, o ingresso das mulheres no mercado de trabalho formal tem sido cada vez mais frequente. Apesar de atualmente as mulheres serem mais escolarizadas que os homens, ainda se verifica desigualdades no mercado de trabalho em relação à questões de gênero e divisão sexual do trabalho. A pesquisa tem como objetivo explicar como ocorreu a participação feminina no setor de serviços em Santa Catarina, no período de 2002-2014. Os dados foram coletados por meio das pesquisas de natureza bibliográfica e documental. Para a pesquisa documental, foi utilizada a base de dados de Relação Anual de Informações Sociais, do Ministério de Trabalho. Os dados foram apresentados por sexo, faixa etária, faixa salarial e escolaridade. Entre outros achados, a pesquisa mostrou que mesmo em um setor onde as mulheres são a maioria e mais escolarizadas, elas continuam tendo uma remuneração menor em relação aos homens.

Palavras-chave: mulheres e trabalho; mercado de trabalho; setor de serviços.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1– Participação da população total masculina e feminina no setor Agropecuário, por regiões brasileiras (2002-2014).....	21
Tabela 2 – Participação da população total masculina e feminina no setor de Comércio, por regiões brasileiras (2002-2014).....	24
Tabela 3– Participação da população total no setor da Construção Civil, por regiões brasileiras (2002-2014)	26
Tabela 4 – Participação da população total no setor da Indústria, por regiões brasileiras (2002-2014)	28
Tabela 5 – Participação da população total no setor de Serviços, por regiões brasileiras (2002-2014)	31
Tabela 6 – Participação população total ocupada por setores econômicos-SC (2002-2014)	34
Tabela 7– Participação da população total ocupada no setor de Serviços em Santa Catarina, por faixa etária (2002-2014)	36
Tabela 8 - Participação da População total ocupada no setor de Serviços em Santa Catarina, por escolaridade (2006-2014).....	39
Tabela 9 – Participação da população total no setor de serviços por faixa salarial em Santa Catarina (2002-2014).....	42
Tabela 10 – Participação população total no subsetor de educação, por faixa etária em Santa Catarina (2006-2014).....	46
Tabela 11 – Participação população total no subsetor de educação, por faixa salarial em Santa Catarina (2006-2014).....	48
Tabela 12 – Participação população total no subsetor de educação, por escolaridade em Santa Catarina (2006-2014).....	50
Tabela 13 – Participação população total no subsetor de saúde humana e serviços sociais, por faixa etária em Santa Catarina (2006-2014).....	53
Tabela 14 – Participação população total subsetor de saúde humana e serviços sociais, por faixa salarial em Santa Catarina (2006-2014).....	55
Tabela 15 – Participação população total no subsetor de Saúde humana e serviços, por escolaridade em Santa Catarina (2006-2014)	58

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1– Média comparativa da população total do setor agropecuário , por sexo e região (2002-2014).....	23
Gráfico 2 – Média comparativa da população total do setor do comércio, por sexo e região (2002-2014).....	25
Gráfico 3– Média comparativa da população total do setor de Construção Civil, por sexo e região (2002-2014)	27
Gráfico 4– Média comparativa da população total do setor de Indústria, por sexo e região (2002-2014).....	30
Gráfico 5 – Média comparativa da população total do setor de Serviços, por sexo e região (2002-2014).....	32
Gráfico 6 – Média comparativa da população total ocupada por setores econômicos-SC, por sexo. (2002-2014).....	35
Gráfico 7– Média comparativa da população total ocupada no setor de Serviços em Santa Catarina, por faixa etária (2002-2014).....	38
Gráfico 8 - Média comparativa da População total ocupada no setor de Serviços em Santa Catarina, por escolaridade (2006-2014)	41
Gráfico 9 – Média comparativa da População total ocupada no setor de Serviços em Santa Catarina, faixa salarial (2006-2014).....	44
Gráfico 10 – Participação da população total no subsetor da educação, por sexo em Santa Catarina (2006-2014).....	45
Gráfico 11 – Média comparativa da população total no subsetor de educação, por faixa etária em Santa Catarina (2006-2014)	47
Gráfico 12 – Média comparativa da população total no subsetor de educação, por faixa salarial em Santa Catarina (2006-2014).....	49
Gráfico 13 – Média comparativa da população total no subsetor da educação, por escolaridade em Santa Catarina (2006-2014)	51
Gráfico 14- Participação da população total no subsetor de saúde humana e serviços sociais, por sexo em Santa Catarina (2006-2014)	52
Gráfico 15 - Média comparativa da população total no subsetor de saúde humana e serviços sociais, por faixa etária em Santa Catarina (2006-2014).....	54

Gráfico 16– Participação população total no subsetor de Saúde humana e serviços sociais, por faixa salarial em Santa Catarina (2006-2014).....	57
Gráfico 17– Média comparativa da população total no subsetor de Saúde humana e serviços sociais educação, por escolaridade em Santa Catarina (2006-2014)	59

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAGED	Cadastro Geral de Empregados e Desempregados
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
CNAE	Classificação Nacional de Atividades Econômicas
DIEESE	Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PDET	Programa de Disseminação das Estatísticas do Trabalho
PME	Pesquisa Mensal de Emprego
RAIS	Relação Anual de Informações Sociais

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 A PARTICIPAÇÃO FEMININA NO SETOR DE SERVIÇOS: UMA ANÁLISE DE GÊNERO	11
2.1 GÊNERO E DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO	11
2.2 PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NO MERCADO DE TRABALHO FORMAL	13
2.3 PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NO SETOR DE SERVIÇOS	17
3 APRESENTAÇÃO DE DADOS E ANÁLISE	20
3.1 PARTICIPAÇÃO FEMININA POR GRANDES SETORES E REGIÕES DO BRASIL (2002-2014)	20
3.2 PARTICIPAÇÃO FEMININA NO SETOR DE SERVIÇOS EM SANTA CATARINA (2002-2014)	33
3.2.1 População total ocupada por setores econômicos em Santa Catarina (2002-2014)	33
3.2.2 População total ocupada no setor de Serviços em Santa Catarina, por faixa etária (2002-2014)	36
3.2.3 População total ocupada no setor de Serviços em Santa Catarina, por escolaridade (2006-2014)	38
3.2.4 População total ocupada no setor de Serviços em Santa Catarina, por faixa salarial (2002-2014)	41
3.3 POPULAÇÃO TOTAL NO SUBSETOR DE EDUCAÇÃO DE SANTA CATARINA (2006-2014)	45
3.4 POPULAÇÃO TOTAL NO SUBSETOR DE SAÚDE HUMANA E SERVIÇOS SOCIAIS DE SANTA CATARINA (2006-2014)	52
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS	62

1 INTRODUÇÃO

O trabalho se apresenta como uma necessidade fundamental à vida dos seres humanos, pois, por meio dele, torna-se possível a satisfação de necessidades como alimentação, habitação e outras mais que são essenciais para a sobrevivência humana. O debate sobre a desigualdade de gênero é um assunto antigo e uma das causas que levanta o tema é o que tange ao mercado de trabalho.

Segundo Hirata e Kergoat (2007, p.599), no que se refere ao trabalho, podem-se verificar dois princípios válidos para todas as sociedades: “o princípio de separação (existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres) e o princípio hierárquico (um trabalho de homem "vale" mais que um trabalho de mulher)”.

De acordo com pesquisa realizada pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos - DIEESE (2013), historicamente, a abordagem por sexo revela que as mulheres enfrentam grandes dificuldades no mercado de trabalho, tanto para conseguir uma ocupação quanto para mantê-la e, principalmente, por auferir rendimentos menores que os homens. A maioria dos setores apresenta índices maiores de contratação de homens. O setor de serviços, de forma recorrente, concentra em sua maioria mulheres.

Conforme informações do Banco de Dados sobre o Trabalho das Mulheres, organizado pela Fundação Carlos Chagas¹, no período entre 1970 e 2007, os padrões de localização de homens e mulheres no mercado de trabalho sofreram alterações: a concentração de homens trabalhadores, no ano de 2007, ocorreu respectivamente, na indústria (transformação e construção civil), no setor agropecuário e comércio; no caso da concentração de mulheres trabalhadoras, destacam-se os serviços (incluindo alojamento e alimentação, educação, saúde e serviços pessoais, serviços domésticos e outros serviços coletivos, sociais e pessoais).

Sendo assim, surge a necessidade de estudar a participação feminina no setor de serviços, como está organizado, entre outros, para assim definir como ocorre o processo que torna as mulheres maioria no setor, apesar da dificuldade existente no mercado de trabalho. Muitos estudos já foram feitos sobre a força de trabalho feminina em setores onde a participação das mulheres é inferior à

¹ Disponível em: <http://www.fcc.org.br/bdmulheres/serie4.php?area=series>. Acesso em: 07 nov.2015.

participação da força de trabalho masculina. Setores como o da construção civil servem como exemplo de como a mulher pode ser praticamente “excluída” de alguns setores. Ao contrário, o setor de serviços mostra uma grande participação das mulheres.

Considerando a breve problematização sobre a força de trabalho feminina no mercado de trabalho, a pesquisa tem como tema a participação feminina no setor de serviços, em Santa Catarina, no período de 2002-2014. Buscou-se problematizar e, como objetivo geral, analisar como ocorreu a participação feminina no setor de serviços em Santa Catarina no período de 2002-2014.

Para o alcance do objetivo geral, foram elaborados os seguintes objetivos específicos: apresentar a participação total de homens e mulheres nos grandes setores econômicos, por regiões brasileiras e por sexo, no período de 2002-2014; apresentar a participação total de homens e mulheres nos grandes setores econômicos em Santa Catarina, por sexo, no período de 2002-2014; apresentar e analisar os índices de participação feminina e masculina no setor de serviços; descrever o perfil da participação feminina e masculina no setor de serviços de Santa Catarina, por idade e escolaridade; apresentar a faixa salarial (SM) de mulheres e homens no setor de serviços de Santa Catarina; com base em estudos já realizados sobre o tema, analisar como ocorre a divisão sexual do trabalho no setor de serviços.

A pesquisa se justifica, entre outros aspectos, pois as mulheres enfrentam várias dificuldades para se inserir no mercado de trabalho e são minorias em setores da Construção civil e da indústria, por exemplo. Então, surge o setor de serviços na qual elas se destacam como maioria.

Tendo em conta a dificuldade de inserção no mercado de trabalho e o fato de que, segundo pesquisa realizada pelo DIEESE (2013), representarem mais da metade da população desempregada, existe uma necessidade de estudo da área onde elas mais se destacam como maioria. É de extrema importância conhecer os pontos fortes das mulheres no âmbito setorial, saber quem são estas mulheres através de um estudo de perfil.

Para a realização da pesquisa, foram adotados os seguintes procedimentos metodológicos. Trata-se de uma pesquisa descritiva que “visa descrever as características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis.” (GIL, 2010, p.28).

Os dados foram coletados por meio das pesquisas de natureza bibliográfica e documental. A Pesquisa é considerada bibliográfica quando a mesma utiliza fontes já publicadas, principalmente de livros e artigos de periódicos (GIL, 2010). A “pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam tratamento ainda analítico.” (GIL, 2010, p.51).

Os dados sobre a participação de mulheres e homens no mercado de trabalho, no período de 2002-2014, foram obtidos na Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), disponível no site do Programa de Disseminação das Estatísticas do Trabalho (PDET)², do Ministério do Trabalho e Emprego, que tem como “objetivo divulgar informações oriundas dos Registros Administrativos RAIS e CAGED, à sociedade civil.” Os dados foram organizados e analisados quantitativamente e apresentados por meio de uma estatística descritiva.

Nos próximos capítulos, são abordadas questões que permitem entender como ocorreu a participação feminina no setor de serviços de Santa Catarina durante o período de 2002-2014. Por meio de uma abordagem de gênero, fala-se da participação feminina no setor de serviços, relacionando gênero e divisão sexual do trabalho, como ocorre a participação feminina no mercado de trabalho formal e a participação da mulher no setor de serviços.

Para uma análise de como se deu o processo, são apresentados dados de participação, desagregados por sexo. Primeiramente, são apresentados os setores por regiões naturais do Brasil; em seguida, são apresentados dados por setores econômicos de Santa Catarina. Para um fecho de análise, são apresentados dados de participação no setor de serviços por escolaridade, faixa etária e faixa salarial; por fim, os dados são desagregados pelos subsetores da educação, serviços de saúde e sociais.

² Disponível em: < <http://acesso.mte.gov.br/portal-pdet/home/>>.

2 A PARTICIPAÇÃO FEMININA NO SETOR DE SERVIÇOS: UMA ANÁLISE DE GÊNERO

Neste Capítulo, será abordado, através de uma análise de gênero, a participação feminina no setor de serviços. Primeiramente, será apresentado uma abordagem de gênero, sem seguida, a participação da mulher no mercado de trabalho formal para poder falar da participação da mulher no setor de serviços.

2.1 GÊNERO E DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO

É comum que os/as estudiosos/as de temas voltados às mulheres façam uma abordagem sobre a questão de gênero. Quando se aborda o tema “participação de mulheres no mercado de trabalho”, remete-se a discussão sobre a questão de gênero, devido a diferentes formas que o mercado trata as forças de trabalho de homens e mulheres.

De acordo com Joan Scott (1995, p.72) “o termo “gênero” parece ter feito sua aparição inicial entre as feministas americanas, que queriam enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo”. Ainda, “o termo “gênero” enfatizava igualmente o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade.” (SCOTT, 1995, p. 72). De acordo com Hirata e Kergoat (2007, p.597) foi “no início dos anos 1970, sob o impulso do movimento feminista, que surgiu uma onda de trabalhos que rapidamente assentariam as bases teóricas desse conceito.”

Com isso, de acordo com a autora, pode-se dizer que o termo “gênero” traz consigo a construção social das diferenças (e desigualdades) percebidas entre questões de masculinidades e feminilidades, sendo que a maneira como a sociedade cria diferentes papéis para ambos está diretamente voltada aos valores da sociedade. Para Scott (1995, p.72), “na gramática, gênero é compreendido como sendo um meio de classificar fenômenos, um sistema social consensual de distinções acordado e não uma descrição objetiva de traços inerentes.”

Nas últimas décadas, entre outras, a luta das mulheres tem sido enfrentar as desigualdades de gênero que encontram no mercado de trabalho. As mulheres têm lutado em todos os sentidos sobre a questão de gênero, em todos os aspectos da vida em sociedade e, principalmente, no mercado de trabalho. De acordo com Hirata e Kergoat (2007, p.599), “a divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do

trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos.” Ainda, sobre a divisão sexual do trabalho, as autoras destacam:

Essa forma é modulada histórica e socialmente. Tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares etc.). (HIRATA; KERGOAT, 2007, p.599).

Esta existente divisão é a forma de divisão do trabalho social nas relações sociais entre os sexos. Sobre a participação da força de trabalho feminina no mercado de trabalho, no estudo realizado por Abramo (2007, p.5), destaca-se que “as mulheres representam 42% da população Economicamente Ativa no Brasil, já são mais escolarizadas que os homens, a sua taxa média de participação é de 50,3%.” Ainda assim, a autora reforça que mesmo com essa desigualdade no nível de escolaridade, ainda se faz presente uma desigualdade significativa quando se trata de rendimento por hora e por atividade (ABRAMO, 2007).

Quanto à articulação com a questão de gênero, Abramo (2007, p.10) destaca que as “imagens de gênero sobre os homens e as mulheres no trabalho são elementos fundamentais, portanto, no processo de reprodução das desigualdades que continuam sendo observadas e vivenciadas pelas mulheres trabalhadoras.” Mesmo que as mulheres apresentem um nível maior de escolaridade, que neste caso elas apresentam maior nível de escolaridade do país, ainda são desvalorizadas em geral como trabalhadoras (ABRAMO, 2007).

De igual modo, sobre a desigualdade de gênero, a autora observa:

As mulheres, que já tendem a acumular menos capital humano devido à menor expectativa de retorno do investimento feito, estão também sujeitas à maior depreciação desse capital devido à sua tendência de se retirar do mercado de trabalho (ou de diminuir a intensidade da sua presença nele) durante o período reprodutivo (quando nascem os filhos ou quando esses são pequenos) (ABRAMO, 2007, p.27).

Segundo Araújo e Ribeiro (2002, p.197):

As mulheres são discriminadas no mercado de trabalho quando, apesar de igualmente qualificadas, recebem pagamento inferior no desempenho da mesma função e/ou recebem salários menores porque têm acesso apenas às ocupações pior remuneradas. No primeiro caso, a discriminação é salarial, e no segundo caso, temos

a discriminação ocupacional, onde a variável de seleção é o sexo. Segregação ocupacional implica não apenas que homens e mulheres estejam segregados em diferentes ocupações, mas também que as ocupações nas quais as mulheres se concentram sejam pior remuneradas.

Esta discriminação que mulheres sofrem no mercado de trabalho pode impedir que expandam sua presença no mercado em todos os setores. Em alguns setores, as mulheres se encontram mais presentes, noutros o seu nível de participação é muito pequeno e tem um setor no qual elas são a maioria que é o setor de Serviços.

Segundo Bruschini (2007), para além das ocorridas transformações demográficas, as mudanças que se teve nos padrões culturais e valores relativos ao papel da mulher socialmente que causaram uma mudança na identidade da mulher, estava cada vez mais voltada para o trabalho remunerado. Quanto mais acesso a escolaridade, quanto mais o processo se expandia e se tornavam mais “estudadas”, mais oportunidades de trabalho eram criadas para elas, que com o nível de escolaridade cada vez mais alto acabou facilitando o acesso a trabalhos.

2.2 PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NO MERCADO DE TRABALHO FORMAL

O trabalho formal é aquele em que o trabalho é exercido com carteira assinada e, no Brasil, estes contratos de trabalho assalariado são regulados pelo regime da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), estando de acordo com a legislação trabalhista vigente e, portanto, assegurando todos os direitos ao trabalhador (BRASIL, 1943).

Teixeira (2008, p.32) ressalta que “os primeiros debates acerca das desigualdades entre homens e mulheres tiveram início entre o século XVIII e XIX, um período de transição e reestruturação da realidade social, ligado ao processo de industrialização.” Barbosa (2014, p.415) observa que “a taxa de atividade feminina no Brasil teve um aumento significativo nas últimas décadas”, visto que a participação de mulheres no mercado de trabalho tem dado continuidade desde a metade da década de 1970 e, desde então, tem havido vários fatores em causa, enquanto umas conquistam o acesso a carreiras de prestígio por parte de mulheres escolarizadas, outras enfrentam dificuldades em relação ao predomínio de atividades femininas em trabalhos precários e informais (BRUSCHINI, 2007). A

autora também ressalta que “a escolaridade elevada tem impacto considerável sobre o trabalho feminino, pois as taxas de atividade das mais instruídas são muito mais elevadas do que as taxas gerais de atividade.” (BRUSCHINI, 2007, p.548). Segundo Barbosa (2014, p.411) :

A maior parte dos estudos que analisam os determinantes da decisão da mulher de entrar para o mercado de trabalho encontra que arranjos formais e informais para o cuidado dos filhos e para maior eficiência na produção de bens e serviços domésticos atenuam a jornada de trabalho doméstica das mulheres, gerando efeitos positivos na sua entrada na força de trabalho.

De um lado, observam-se a possibilidade de melhoramento, bom emprego, bom salário e, conseqüentemente, uma melhora para a situação da família, “o acesso a carreiras e profissões de prestígio e a cargos de gerência e mesmo diretoria, por parte de mulheres escolarizadas, de outro, o predomínio do trabalho feminino em atividades precárias e informais.” (BRUSCHINI, 2007, p.1). Surgem, então, inúmeras dificuldades que as mesmas terão que enfrentar com a discriminação no trabalho mais especificamente na remuneração.

As pesquisas voltadas à análise da discriminação contra mulheres no mercado de trabalho brasileiro têm, usualmente, mencionado a vigência de barreiras ocupacionais no mercado, apontando para a sua segregação nas ocupações de menor prestígio, para o menor acesso aos cargos de chefia e de supervisão e menor tradição sindical das atividades nas quais se concentram³. Entretanto, dado o cunho sociológico ou antropológico da maioria dos trabalhos preocupados com esse tema, as diferenças observadas na estrutura ocupacional e nos salários médios por ocupação têm sido encaradas como resultantes da discriminação, sem maiores preocupações com os aspectos quantitativos. (OMETTO; HOFFMANN; ALVES, 1999, p.290).

Segundo Abramo (2007), historicamente, os afazeres domésticos, cuidar dos filhos e da família em geral foram atribuídos às mulheres. Talvez seja um dos motivos que tenha dado espaço à criação do pré-conceito que existe em relação à inserção da mulher no mercado de trabalho direcionando-as para o cuidado, família, maternidade. “Esses papéis estão associados fundamentalmente às funções de cuidado a elas assignadas pela ordem de gênero e pela divisão sexual do trabalho.” (ABRAMO, 2007, p.13).

A Teixeira (2008, p.35) defende que:

³ As autoras citam: Gitahy et al. (1981), Paiva (1980), Lewim (1980) e Bruschini (1985), entre outros.

As atividades realizadas pelas mulheres no interior dos domicílios não são menos econômicas que as dos homens. Os bens e serviços produzidos pelas mulheres são consumidos pelos membros da unidade doméstica. Suas tarefas não remuneradas, ainda que de forma indireta, geram renda. Portanto, o papel da mulher é tão econômico quanto o do marido.

Ainda que não se considere o trabalho doméstico como produtivo, surge a questão de que estes serviços produzidos são de uso dos membros da família, ainda que não remunerados, são serviços que as mulheres fazem pela família que assim como a produção masculina também é consumida pela família.

A análise segundo a escolaridade também influencia no nível de trabalho formal e justifica as características segundo admissões e qualificações. Na Pesquisa Mensal de Emprego – PME, publicado em 08 de março de 2012, destaca-se que no ano de 2011, quanto ao nível de escolaridade, a população feminina registrou maiores percentuais, entre funcionários públicos estatutários e militares, a ocupação foi de 93,3%, quando estas mulheres tinham o perfil educacional de 11 anos ou mais de estudo e de 60,6% quando de nível superior completo (IBGE, 2012).

Segundo a mesma pesquisa, outro fato que se destaca é a participação das mulheres com 11 anos ou mais de estudo, como soma total da população ocupada feminina com carteira assinada no setor privado. “Para elas, a participação foi de 77,5%; enquanto para eles, esse indicador foi de 58,9% - uma diferença de 18,7 pontos percentuais em 2011. No ano de 2003 essa diferença havia sido de 20,3 pontos percentuais.” (IBGE, 2012, p.9).

Mesmo com a crescente participação das mulheres no mercado de trabalho, seus serviços historicamente associados ao cuidado e afazeres domésticos tornam difícil seu ingresso em alguns setores no mercado de trabalho, “assim como muitas características relativas à permanência e ao seu desempenho de trabalho estão determinados basicamente pelos papéis que ela desempenha na esfera doméstica.” (ABRAMO; 2007, p.13). Conforme a mesma autora, no caso de uma gravidez, por exemplo, a mulher precisaria de algum tempo fora do trabalho e ainda assim a mesma teria de ser remunerada, horários especiais nos primeiros meses após o parto e mais cuidados, porém, a sociedade ao invés de criar mecanismos como os acima citados que facilitem o seu enquadramento no mercado de trabalho, desenvolvem um preconceito em relação a sua presença no mercado de trabalho.

Certas situações como estas podem se tornar justificações para o baixo investimento realizado pelas empresas em treinamentos da mão de obra feminina e o fato de excluírem as mulheres de certos cargos e posições como em casos de alguns de turnos bem como em alguns cargos superiores das empresas.

O aumento do número de mulheres no mercado de trabalho tende acontecer quando o homem, por determinado padrão social é o responsável pelo sustento da família, por várias razões não pode ou não consegue desempenhar com sucesso esta função que seria de sustento econômico (ABRAMO, 2007). Se o homem estiver impossibilitado por alguma razão para o sustento econômico da família, a mulher é obviamente a outra opção a realizar este papel na família, “a inserção feminina no trabalho seria sempre débil, precária, eventual instável e secundária.” (ABRAMO, 2007, p.14). O que pode fazer com que a participação feminina se apresente como uma solução por falta de rendimento econômico do homem e que, muitas vezes, pode trazer conclusões tais como a de que “a mulher tenderia a se retirar da atividade econômica no momento em que o homem conseguisse recuperar sua situação ocupacional e de rendimentos.” (ABRAMO, 2007, p.14).

Segundo Abramo (2007), o fato das mulheres serem vistas no mercado de trabalho como força secundária serviria como justificção para a baixa remuneração em relação aos homens a partir de um conceito de esta não estaria necessitando tanto do trabalho visto que conta com o homem como responsável pela situação econômica da família.

Questões de gênero não podem ser consideradas como motivos para definir o salário de homens e mulheres, pois, muitas das vezes, as mulheres são portadoras de maiores níveis de escolaridade, experiência, produtividade em relação aos homens e, ainda assim, continuam tendo desvantagem salarial (OMETTO; HOFFMANN; ALVES, 1999).

Segundo Bruschini (2007, p.559):

[...] já conhecidos padrões diferenciados de inserção feminina e masculina segundo setores ou grupos de atividades econômicas: pela ordem, os setores do mercado de trabalho nos quais as trabalhadoras continuam encontrando maiores oportunidades de trabalho e emprego são a prestação de serviços, a agropecuária, o setor social [...], o comércio de mercadorias e a indústria. A força de trabalho masculina, por sua vez, manteve presença significativa, também pela ordem, na indústria, nos trabalhos ligados à agropecuária, no comércio de mercadorias e na prestação de serviços.

De acordo com os dados do Ministério de trabalho, o setor em que elas menos se encontram é o de construção civil, o setor no qual elas mais se encontram

é o de serviços, no qual elas são a maioria com uma elevada participação. Capellin (2008, p.105), observa que “as maiores resistências em incorporar mulheres persistem nos ramos da eletricidade, água e gás; na indústria de transformação; na construção; no transporte; e nas empresas do ramo de intermediação financeira.”

Segundo Romcy e Brites (2015, p.142), “nos trabalhos de implantação de infraestrutura, a céu aberto, a presença de mulheres é pequena, o que é diferentemente observado nas atividades de industrialização, realizado em espaços fechados.” As autoras mencionam que durante a pesquisa, Romcy tentou mapear mulheres que trabalhassem fora do escritório, mas era raro na região, isto é, não havia muitas mulheres nas obras pois a maioria se encontrava na área administrativa: escritório das empresas, na área de elaboração de projetos e não havia muitas presentes na área de execução e acompanhamento da obra. (ROMCY; BRITES, 2015, p.143). O que acaba completando a ideia de que “nas grandes organizações, quando as mulheres buscam ascender nas áreas de mais alto poder, elas ficam restritas a âmbitos de menor posição estratégica, como as direções de recursos humanos e de administração.” (CAPELLIN, 2008, p.97). A autora também observa que “mantém-se significativa a presença de mulheres apenas na direção geral nos organismos internacionais, assim como, na administração pública, defesa e seguridade social que, entre 1996 e 2000, alcançam a paridade entre homens e mulheres.” (CAPELLIN, 2008, p.105).

2.3 PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NO SETOR DE SERVIÇOS

Em texto para discussão n.549, publicado na década de 1990, Melo et al. (1998, p.1) observavam o seguinte fato: “o Brasil tornou-se, nas últimas décadas, uma economia na qual o setor Serviços representa quase dois terços do emprego urbano metropolitano e responde por mais da metade do PIB, numa trajetória semelhante à evolução econômica dos países desenvolvidos.” Ainda, segundo os mesmos autores, representando dois terços do emprego, “a partir dos anos 30, os Serviços passaram a ser objeto de consideração na análise econômica, primeiramente sob uma denominação genérica de “Terciário”. (MELO et al.,1998, p.3).

De acordo com Kon (1992, p.13 apud KON, 2007, p.130-131), o setor de

serviços remete a uma discussão mais ampla no campo da teoria econômica, elaboradas historicamente e envolvendo duas linhas conceituais, conforme segue:

- a. a marxista, segundo a qual algumas atividades, incluindo grande parte dos serviços, são improdutivoas, não pertencendo ao fundo potencialmente disponível para propósitos de desenvolvimento econômico; o trabalho improdutivo é mantido por parte do excedente econômico da sociedade, não se relacionando ao processo de produção indispensável; e
- b. a keynesiana, segundo a qual qualquer atividade que faz jus a uma recompensa monetária é considerada útil e produtiva por definição.

Meirelles (2006, p.120) diz que “a visão dos clássicos a respeito dos serviços e do seu papel na dinâmica econômica está relacionada fundamentalmente às diferentes concepções a respeito do processo de geração de valor na economia” (2006, p.120) sendo um dos setores que tem representado mais de 50% do PIB “o enfoque convencional da economia dos serviços associa, de uma maneira geral, o crescimento de sua taxa de participação na geração da renda e do emprego ao aumento da riqueza social.” (MELO, 1998, p.1). Sobre as diferentes concepções relacionadas à geração de valor na economia, Meirelles (2006, p.120) citou:

Especificamente, é um debate entre, de um lado, a teoria do valor-trabalho, aqui representada por Marx e Smith, cuja ótica de análise está voltada para os aspectos de oferta, em que a produção industrial é o “*hard core*” do sistema econômico —, sobrepondo-se a toda e qualquer atividade intangível como é o caso das atividades de serviço —; e, de outro lado, a teoria do valor-utilidade, aqui representada por Say, Mill e Walras, baseada numa ótica de análise voltada essencialmente para os aspectos de demanda, em que as diferenças técnico-produtivas entre as diversas atividades econômicas —, sejam elas de produção de bens ou de serviços —, não são critérios de definição do caráter produtivo e da relevância econômica das atividades no sistema econômico.

Com a conhecida discriminação existente no mercado de trabalho, as mulheres tornaram-se a maioria no setor de serviços. Existem vários fatores, tais como o da permanente responsabilidade feminina pelos afazeres domésticos, cuidar de filhos, até mesmo de outros membros familiares (BRUSCHINI, 2007). Isto acaba colocando certo nível de sobrecarga, pois além de ter que enfrentarem as dificuldades do mercado de trabalho, as mulheres teriam também que cuidar de outros afazeres.

Segundo Bruschini (2007), o setor de serviços, no ano de 2000 ocupava a maior parte das trabalhadoras e cerca de 40% delas concentradas em três sub-setores: educação, saúde e serviços sociais; serviços domésticos e outros serviços

coletivos, pessoais e sociais. Mesmo com o passar do tempo, a ocupação feminina neste setor não se altera, continuam sendo a maioria independentemente de qualquer mudança que tenha existido com o tempo.

De acordo Bruschini (2007, p.561), “o trabalho doméstico, ou seja, o emprego doméstico remunerado é o nicho ocupacional feminino por excelência, no qual mais de 90% dos trabalhadores são mulheres.” Talvez seja a atribuição histórica aos afazeres domésticos que as torna a maioria neste setor, ou seria simplesmente a saída menos discriminada encontrada num setor onde elas possuem qualidades mais conhecidas para a realização dos trabalhos.

Na educação, as mulheres também se destacam, pois sempre existiu uma exigência quanto ao nível educacional dos/as educadores/as.

A persistência de traços de segregação se revela também em outras dimensões: na esfera ocupacional, em que as trabalhadoras permanecem, em maior número, em setores, ocupações e áreas de trabalho tradicionalmente femininas, como o setor de serviços, o social, a administração pública; em cursos, profissões e empresas em segmentos culturais, sociais e de humanidades; no desemprego mais elevado e nas desigualdades salariais em relação aos colegas do sexo oposto, em todas as situações examinadas, mesmo quando as condições são semelhantes entre os sexos, como na jornada de trabalho, no nível de escolaridade e outras (BRUSCHINI, 2007, p.570-571).

Mostra que a escolaridade, jornada de trabalho e outros fatores como a idade, por exemplo, tornam-se essenciais no comportamento do mercado de trabalho quando se fala de emprego, são fatores que mostram o nível de conhecimento e capacidade físico e intelectual do indivíduo. “A administração pública já tem maioria de mulheres nos seus quadros, expressando a maior escolaridade feminina.” (MELO; SABBATO, 2011, p.36). O destaque feminino na educação é algo que não passa despercebido, pois se torna num importante fator para a análise das questões de gênero e do posicionamento feminino. “Chama-se a atenção para o fato de que na administração pública estão computadas a educação e a saúde públicas, portanto, isto explica em parte o grande peso feminino neste subsetor.” (MELO; SABBATO, 2011, p.43).

3 APRESENTAÇÃO DE DADOS E ANÁLISE

No capítulo de análise e apresentação de dados, são apresentados primeiramente os dados sobre os grandes setores econômicos no Brasil (agropecuário, comércio, construção civil, indústria e serviços), por sexo e região, no período de 2002 - 2014. No segundo momento, uma análise sobre o setor de serviços em Santa Catarina e uma comparação relacionada à participação de homens e mulheres no setor. Os dados são apresentados de acordo com o sexo para melhor análise e comparação entre ambos, no período de 2002-2014, por faixa etária, escolaridade, faixa salarial.

3.1 PARTICIPAÇÃO FEMININA POR GRANDES SETORES E REGIÕES DO BRASIL (2002-2014)

O Brasil é um país com extensão territorial de 8.514.876 km², sendo seu território dividido em regiões; a sua divisão por regiões é feita pelas seguintes regiões: Norte, Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-Oeste. (IBGE, 2010) Na análise que segue, são apresentados os números da participação feminina por grandes setores e regiões do Brasil, no período de 2002-2014. Para tanto, inicia-se com o setor agropecuário.

A Tabela abaixo apresenta a participação da população total no setor Agropecuário nas regiões do Brasil.

Tabela 1– Participação da população total masculina e feminina no setor Agropecuário, por regiões brasileiras (2002-2014)

	Norte		Nordeste		Sudeste		Sul		Centro-Oeste		Total	
	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem
2002	29160	2927	174279	21275	498547	79563	160670	26747	130279	14788	992935	14530
2003	38033	3783	196079	24925	498896	82213	167881	29695	148722	17445	1049611	15806
2004	47483	4434	203379	25586	530811	93804	177556	34357	167644	20585	1126873	17876
2005	50135	4855	206369	26087	533759	93222	174454	34444	164881	22114	1129598	18072
2006	57808	5708	209046	25326	556275	105768	172077	33496	168763	22963	1163969	19326
2007	61228	6375	205118	24548	558326	110449	174711	35002	181140	25173	1180523	20154
2008	63762	6968	205881	25431	561122	117244	184217	40686	186548	28241	1201530	21857
2009	63832	6768	201302	24583	556225	117122	187163	42744	197902	30008	1206424	22122
2010	66217	7130	211200	25459	523526	109968	184375	43455	205351	32916	1190669	21892
2011	74427	8531	216981	27844	543496	132481	183909	44853	214231	37037	1233044	25074
2012	77533	9279	208096	27820	530741	127851	180193	45118	219126	38500	1215689	24856
2013	80621	9878	208282	30369	528145	126813	183121	47056	223281	41998	1223450	25611
2014	84036	10285	211551	31923	514170	126824	182476	47006	228484	42908	1220717	25894
Total	794275	86921	2657563	341176	6934039	1423322	2312803	504659	2436352	374676	15135032	27307

Fonte: RAIS – MTE (2002-2014).

De acordo com o a Tabela 1, a participação masculina no setor agropecuário no ano de 2002 teve um total de 992.935 empregados em todas as regiões do Brasil. Em algumas regiões, o setor teve um trajeto crescente até o ano de 2010. Verifica uma queda em relação aos anos anteriores, sendo que, no ano de 2009, houve um total de 1.206.424 e, em 2010, decresce para um total de 1.190.669. Com isto, do ano de 2010 em relação ao ano de 2009, houve um decréscimo de 15.755, que representa 1,30%. Logo, no ano seguinte, 2011, observa-se um total de 1.233.044, que representa um aumento de 3,43% em relação à última queda. No ano de 2012, há novamente uma queda, somando um total de 1.215.689, isto é 1,41% de decréscimo em relação ao ano de 2012 e, logo em seguida, no ano de 2013, um total de 1.223.450, que em relação ao ano anterior cresceu 0,63%, que não continuou, pois no ano de 2014 decresce para um total de 1.220.717, isto é, 0,22% em relação ao ano anterior. Durante este período a região que mais se destaca em termos de participação masculina é a região Sudeste e a que menos se destaca é a região norte do país.

Segundo Bruschini (2007, p.559), “a força de trabalho masculina, por sua vez, manteve presença significativa, também pela ordem, na indústria, nos trabalhos ligados à agropecuária, no comércio de mercadorias e na prestação de serviços”. E

algumas mulheres inseridas no setor agropecuário não são remuneradas, pois “o trabalho não remunerado e aquele executado na produção para o consumo próprio ou da unidade familiar são predominantemente desenvolvidas no setor agrícola, em sítios, fazendas e chácara.”(BRUSCHINI, 2007, p.561).

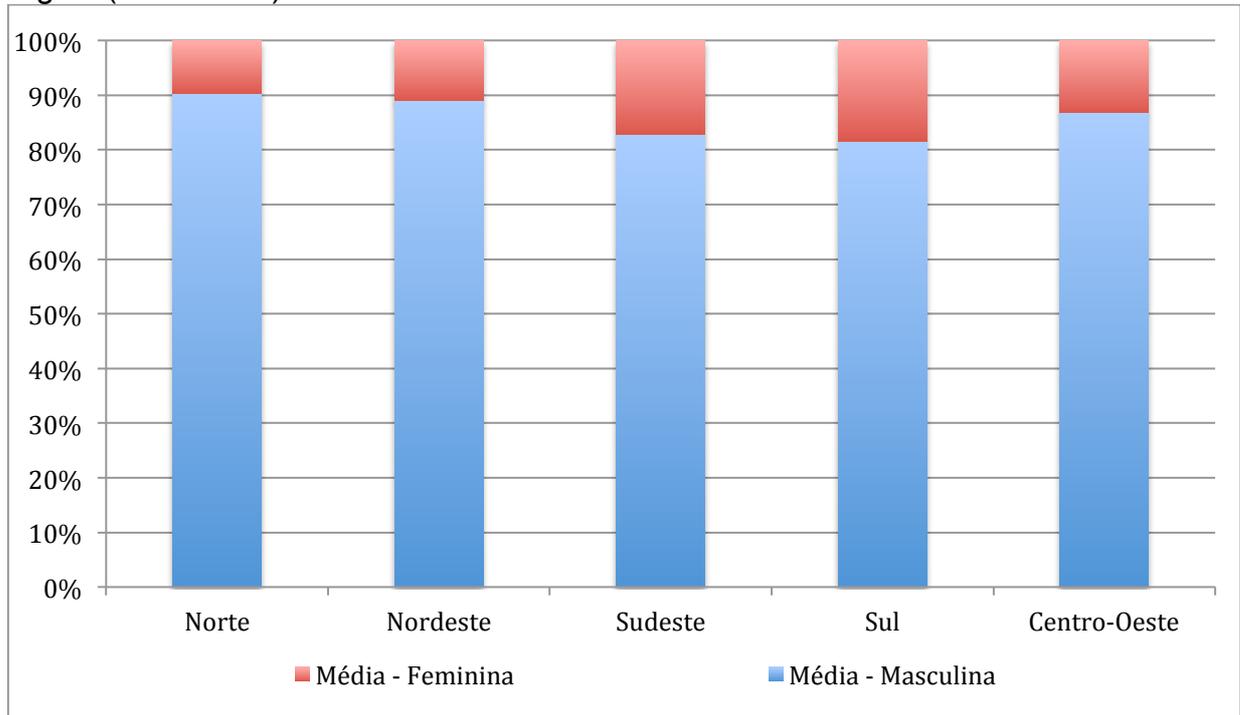
A região Sudeste tende a apresentar maiores números em relação às outras regiões, visto que o Brasil possui 165.371.493 e, neste número de habitantes, a região sudeste representa um número de 70.190.565 (IBGE, 2010).

Segundo a Tabela 1, como já observado em relação à participação masculina, inicia-se destacando a região Sudeste como a região com maior número de participação feminina no setor Agropecuário e a região norte como a que menos participação teve. Bruschini (2007) menciona o fato de que existam padrões diferenciados na inserção feminina e masculina, de acordo com os setores e atividades econômicas e que as trabalhadoras têm encontrado mais oportunidades de trabalho em prestação de serviços, a agropecuária, o setor social, o comércio de mercadorias e a indústria.

No ano de 2002, as regiões apresentam um total de 145.300. A região norte, com uma participação total menor, apresenta um total de 2.927, que representa 2,01%, enquanto a região sudeste apresenta um total de 79.563, representando assim 54,75% e liderando a participação em todas as regiões. Do ano de 2002 até o ano de 2009, observa-se um número crescente. No ano de 2010, apresenta-se um total de 218.928 que é decrescente em relação aos anos anteriores, especificamente em relação ao ano de 2009, teve um decréscimo de 1,03% e volta a subir no ano de 2011 para 250.746, que representa um crescimento de 12,69% em relação ao ano de 2010. O número total decresce novamente no ano de 2012, somando 248.568, caindo 0,86% em relação ao ano anterior. Os números totais voltam a crescer até o ano de 2014, que apresenta um total de 258.946, que comparando com o ano de 2013, cujo total foi de 256.114, apresenta um crescimento de 1,1%.

No gráfico 1, em termos comparativos, são apresentadas as médias da população total comparativo de todo o período, por sexo e região.

Gráfico 1– Média comparativa da população total do setor agropecuário , por sexo e região (2002-2014)



Fonte: RAIS – MTE (2002-2014).

Com o gráfico, pode-se observar a média do setor agropecuário por regiões, durante o período de 2002 – 2014. Na região norte, a média é de que 90,40% da população que participa no setor agropecuário são homens, contra 9,59% de mulheres. Na região do nordeste, observa-se a mesma tendência, os homens são a maioria no setor, sendo eles 89,01% e as mulheres 10,98%. Na região sul, 81,57% são homens e 18,42% são mulheres. No centro-oeste, 86,85% são homens e 13,14% são mulheres. O sudeste, segue a mesma tendência, 82,77% homens e 17,22% são mulheres. Segundo o gráfico , observa-se que os homens ocupam maior parte do setor nas regiões Brasileiras.

A tabela abaixo apresenta a participação da população total no setor do comércio nas regiões do Brasil.

Tabela 2 – Participação da população total masculina e feminina no setor de Comércio, por regiões brasileiras (2002-2014)

	Norte		Nordeste		Sudeste		Sul		Centro-Oeste		Total	
	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem
2002	129468	75224	450170	261968	1623013	1008814	540938	362456	244495	129987	2988084	1838449
2003	139908	82244	477983	278640	1692554	1069588	576694	389991	266644	145233	3153783	1965694
2004	157573	95827	522409	305347	1820670	1170827	624638	433466	291942	164564	3417232	2170097
2005	171279	105892	564681	336191	1949627	1269404	657509	470127	304519	175960	3647615	2357576
2006	185759	115229	607802	366939	2028534	1344892	683250	499526	314400	184010	3819745	2510590
2007	204128	127158	657384	399425	2174115	1468592	729975	541464	337261	201413	4102863	2738058
2008	217858	140834	707156	434843	2276800	1596035	772293	591671	362296	224322	4336403	2987702
2009	230432	151894	759878	473787	2342886	1685386	800811	628165	379025	240687	4513032	3179977
2010	253431	170583	834330	534128	2498529	1864830	851946	695843	409848	268771	4848084	3534159
2011	269349	185640	892060	590551	2573261	1984416	889091	737738	428650	291921	5052411	3790266
2012	285499	200465	935908	626141	2621830	2102860	913477	774855	453386	311734	5210100	4016058
2013	295991	212300	962210	659574	2665971	2182472	934938	809121	456447	332070	5315557	4195532
2014	306187	221937	999009	689189	2699151	2228393	951686	828197	463690	340668	5419723	4308384
Total	2846862	1885227	9370980	5956723	28966941	20976509	9927246	7762620	4712603	3011340	55824632	3959249

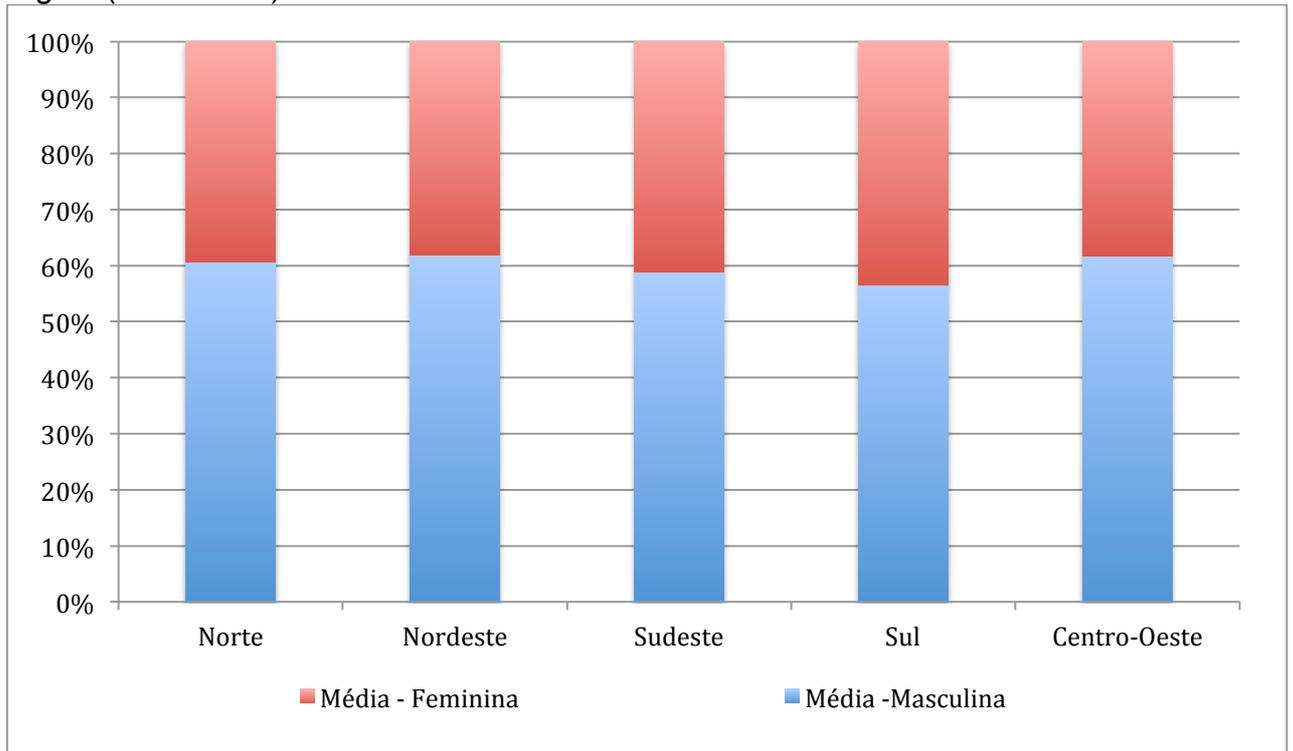
Fonte: RAIS – MTE (2002-2014).

De acordo com a tabela acima, a maior participação masculina no setor do comércio está na região do sudeste. No ano de 2002, as regiões somam total de 2.988.084. Observa-se uma evolução crescente ao longo dos anos. O norte apresenta menor participação em relação as demais regiões, seguido do Centro-Oeste. A participação neste setor é crescente durante o período que 2002 - 2014 em todas as regiões do Brasil.

A Tabela nos mostra que a participação das mulheres no setor de comércio é crescente. Pode-se observar que, a partir do ano 2002, cujo total das regiões era de 1.838.449, até o ano de 2014, o total foi de 4.308.384. A participação feminina foi aumentando ano após ano e em nenhum momento houve diminuição dessa tendência ou queda neste período. O que acaba mostrando que, assim como no caso da participação masculina, a participação das mulheres neste setor tende a crescer.

Segue o gráfico com a média comparativa da população total do setor de comércio, por sexo e região.

Gráfico 2 – Média comparativa da população total do setor do comércio, por sexo e região (2002-2014)



Fonte: RAIS – MTE (2002-2014).

Segundo o gráfico acima, podemos observar que há uma média de 40,80% de mulheres que participam no setor, enquanto que os homens participam em 59,20%. Algumas atividades como servidoras públicas, trabalhadoras de saúde, empregas do comércio, entre outras, são profissões que permanecem e continuam empregando na sua maioria mulheres (BARBOSA, 2014). Na região Sul, podemos observar que as mulheres têm uma grande participação no setor de comércio, representam 43,37% e os homens 56,62%. Observa-se que os homens são a maioria no setor, mas a presença das mulheres é considerável.

A Tabela a seguir apresenta a participação masculina e feminina no setor da Construção Civil nas regiões do Brasil.

Tabela 3– Participação da população total no setor da Construção Civil, por regiões brasileiras (2002-2014)

	Norte		Nordeste		Sudeste		Sul		Centro-Oeste		Total	
	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem
2002	51401	3286	195126	13360	542662	42677	160890	11417	79337	6194	1029416	76934
2003	44625	3160	182068	13029	515121	41251	155084	10789	76900	6224	973798	74453
2004	55868	3526	196371	12629	540506	42547	162182	11034	86581	7326	1041508	77062
2005	58823	4017	219254	14147	622899	48831	166608	11018	92003	7795	1159587	85808
2006	68292	6207	249418	17685	701239	54578	178787	11691	96679	8870	1294415	99031
2007	91171	7600	279622	18499	808273	61197	207823	12960	122094	8750	1508983	109006
2008	103923	10064	339156	25296	935653	75148	251724	16092	146171	11369	1776627	137969
2009	122930	12852	399814	30299	1018219	84508	273322	17965	159223	13156	1973508	158780
2010	146592	14278	532902	37121	1128886	98243	326083	23888	184706	16223	2319169	189753
2011	162331	15235	582014	42091	1232905	113145	353592	28086	200822	19952	2531664	218509
2012	175348	17479	585104	50074	1256911	121991	358127	30393	216414	20729	2591904	240666
2013	184431	19227	600417	48518	1282496	127135	362103	30652	216462	21116	2645909	246648
2014	182984	20549	562423	51343	1253623	130653	366965	32365	193794	20987	2559789	255897
Total	1448719	137480	4923689	374091	11839393	1041904	3323290	248350	1871186	168691	23406277	1970516

Fonte: RAIS – MTE (2002-2014).

De acordo com os dados apresentados na tabela, o setor da construção civil, que no ano de 2002 teve um total de 1.029.416, apresenta uma queda logo no ano seguinte, em 2003. Em 2003, O setor da construção civil soma um total de 973.798 relativo a todas as regiões do Brasil, o que representa uma queda de 5,41% em relação ao ano de 2002. No ano seguinte, observa-se um crescimento, com um total de 1.041.508, isto é, de 6,51%, que chega a ser maior que os dois últimos anos. A partir do ano 2003 até o ano de 2014, observam-se números crescentes.

Somando por regiões durante o período em análise, tem-se um total de 23.406.277 empregados no setor de construção civil. O Sudeste é a região que apresenta maior participação, com um total de 11.839.393 em todo o período, representando assim 50,59%; seguida da região do Nordeste, com total de 4.923.689, que representa 21,03%; a região Sul soma um total de 3.323.290, que representa 14,19%; o Centro-Oeste 1.871.186, isto é, 7,99%; e, por último, o norte, com 1.448.719, que representa 6,18%.

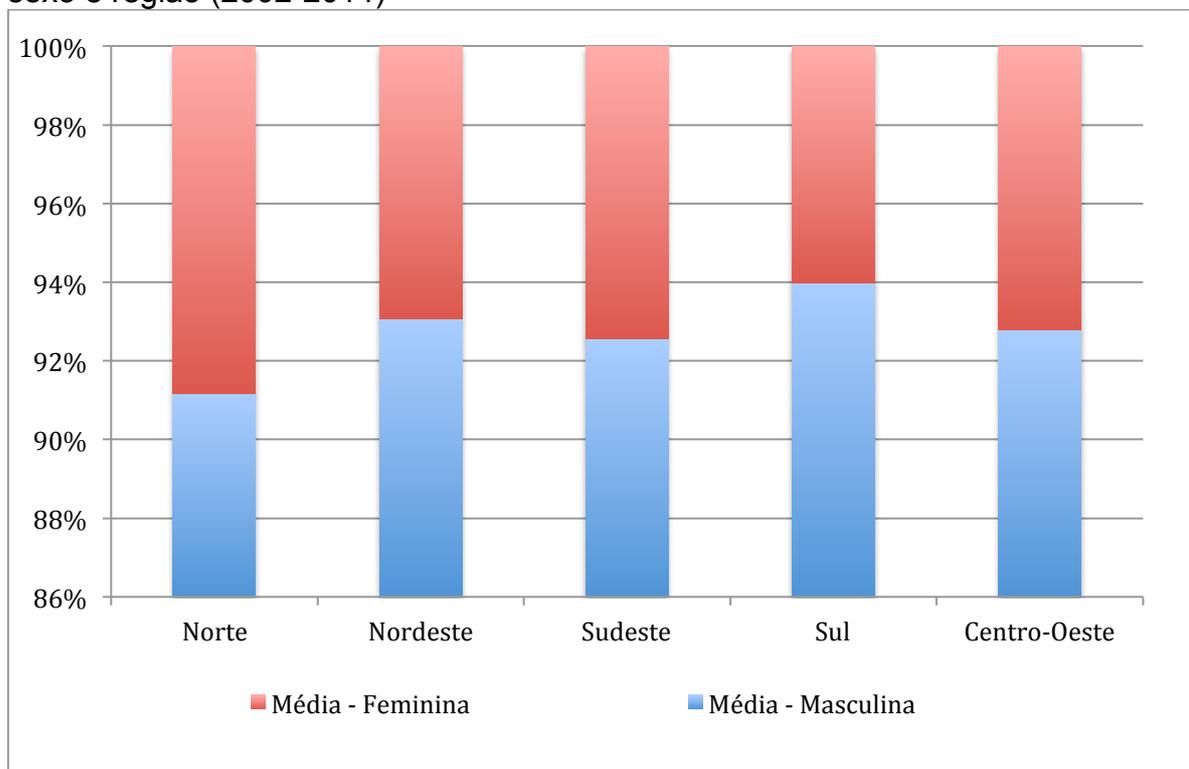
Os dados da participação feminina no setor da construção civil, de acordo o que mostra a tabela, observa-se que, no ano de 2002, apresentou um total de

76.934 e, logo no ano seguinte, apresentou uma queda. Os números mostram que a participação feminina neste setor é muito baixa em relação à participação masculina.

Apesar de a participação ser crescente, os números mostram uma participação baixa. A Região Sudeste é que apresenta maior participação no país, com um total de 1.041.904, seguida da Região nordeste que apresenta um total de 374091. A região sul apresenta um total de 248.350, o Centro-Oeste 168.691 e, por último, a região Norte, com 137.480. Com base em registros do RAIS 2011, Romcy e Brites (2015, p.139) comentam que “as mulheres com carteira assinada em todas as categorias tiveram um aumento de 5,93%, e a construção civil aparece como responsável por uma porcentagem significativa desse crescimento entre os períodos de 2010 a 2011.”

A seguir, apresenta-se o gráfico com a média comparativa da população total do setor de construção civil por região e por sexo.

Gráfico 3– Média comparativa da população total do setor de Construção Civil, por sexo e região (2002-2014)



Fonte: RAIS – MTE (2002-2014).

Segundo o gráfico acima, a participação masculina é muito alta em todas as regiões, chegando a ter a média de 92,79% de participação no total, enquanto que

as mulheres 7,20%. O reduzido percentual de participação das mulheres no setor de construção civil, explica os baixos índices apresentados no setor em todas as regiões.

A Tabela a seguir apresenta a participação da população total, por sexo, no setor da Indústria nas regiões do Brasil.

Tabela 4 – Participação da população total no setor da Indústria, por regiões brasileiras (2002-2014)

	Norte		Nordeste		Sudeste		Sul		Centro-Oeste		Total	
	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem
2002	148463	39845	546130	187662	2229688	782160	997396	450337	196092	65168	4117769	152517
2003	160011	43712	553757	190892	2273565	801519	1026012	473781	205524	69260	4218869	157916
2004	187129	54130	617626	205694	2486381	885950	1116332	537162	224668	80012	4632136	176294
2005	196491	60446	652713	214988	2578561	933945	1117642	549845	233887	84494	4779294	184371
2006	210791	63150	709544	227954	2785903	1014542	1178390	583241	257862	91159	5142490	198004
2007	224602	68723	764308	245163	2955637	1089946	1256703	635210	289485	102501	5490735	214154
2008	223123	69497	792266	256427	3040903	1154505	1273470	669897	300508	110550	5630270	226087
2009	221206	68474	830384	274941	3006236	1171862	1271422	685100	308905	116769	5638153	231714
2010	239560	75185	868908	297371	3200583	1266573	1353347	747166	323898	126611	5986296	251290
2011	250910	84572	895865	302904	3258065	1325259	1388164	769956	343777	138463	6136781	262115
2012	251277	86785	898268	310676	3260680	1354759	1380938	771727	363183	152609	6154346	267655
2013	258298	93076	906247	316524	3276200	1370935	1424519	812087	375620	165290	6240884	275791
2014	256637	91280	896710	322232	3192754	1360030	1412172	805608	374907	166396	6133180	274554
Total	2828498	898875	9932726	3353428	37545156	14511985	16196507	8491117	3798316	1469282	70301203	2872461

Fonte: RAIS – MTE (2002-2014).

De acordo com os dados da tabela acima, o setor da Indústria tem um número maior de participação masculina na região do Sudeste, que apresentam um total de 37.545.156, seguida da Região Sul, com 16.196.507. Em terceiro lugar, a região do nordeste, com um total de 9.932.726, seguida da região Centro-Oeste, com 3.798.316 e, por último, a região norte, com um total de 2.828.498.

Especificamente, a região do Norte, que teve um número menor de participação, apresentou uma queda de 0,86% em 2009, com um total de 221.206, visto que, no ano anterior, em 2008, o total foi de 223.123. No ano seguinte, em 2010 apresentou crescimento. No ano de 2013, um total de 258.298 e uma pequena queda de 0,64% no ano de 2014, apresentando um total de 256.637. A região sudeste é a que apresenta o maior número de participação no setor industrial e, também, apresentou uma queda em 2009, que em relação ao ano anterior

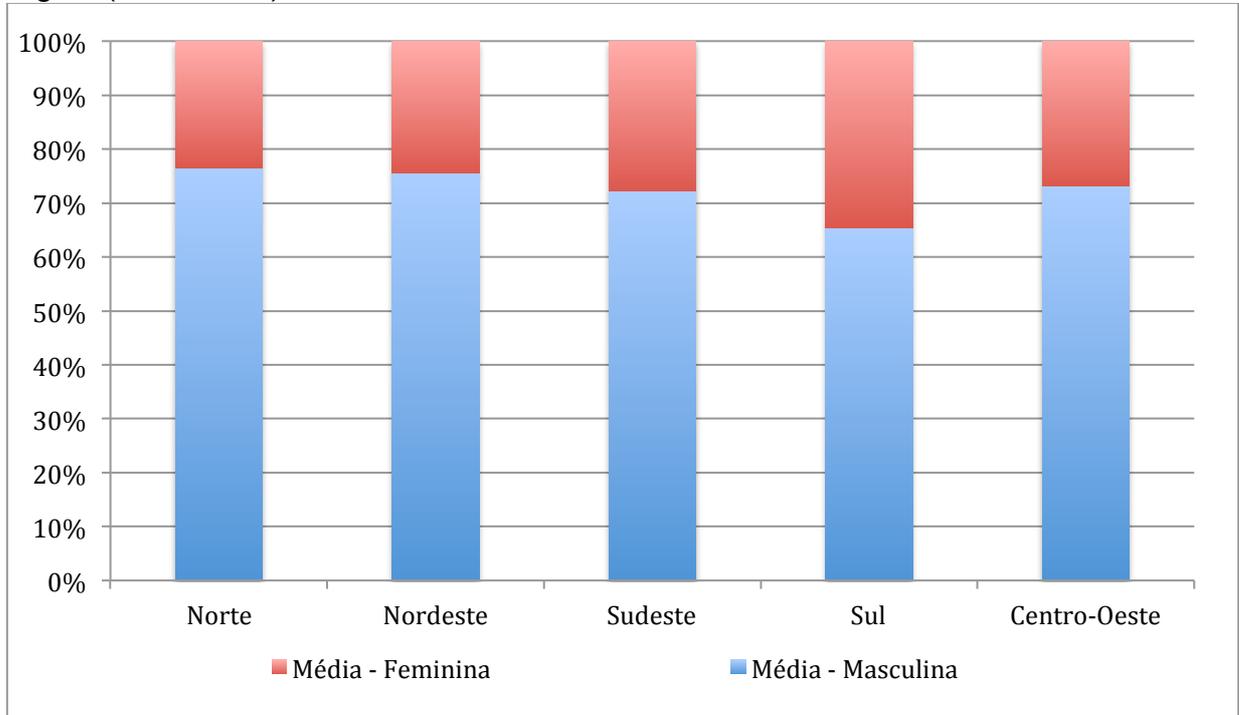
representa 1,15%. Em seguida, voltou em ritmo crescente e apresentou novamente, no ano de 2014, uma queda de 2,54% em relação ao ano anterior. Todas as regiões apresentaram uma queda na participação total no ano de 2014.

No ano de 2002, o setor apresenta uma participação masculina total de 4.117.769 no setor de indústria. Até o ano de 2013, o setor apresentou um crescimento de 34,02%, com uma participação total de 6.240.884. No ano de 2014, o setor apresentou uma queda de 1,72% na participação masculina, com um total de 6.133.180.

A tabela mostra que o setor da Indústria tem um número maior de participação feminina na região do Sudeste, que apresentam um total de 14.511.985 no período em análise, seguida da região sul com 8.491.117. Em terceiro, a região nordeste, com total de 3.353.428, seguida da região Centro-Oeste, com um total de 1.469.282 e, por fim a região norte, com um total de 898.875. Assim como na população masculina, a região do Norte teve um número menor de participação, apresentou uma queda de 1,48% em 2009, com total de 68.474, visto que, no ano anterior em 2008, o total foi de 69.497. Apresentou crescimento no ano seguinte de 8,93%, passando para um total de 75.185, em 2010, continuou crescendo e voltou a apresentar uma queda no final do período em análise. A região sudeste é a que apresenta o maior número de participação feminina no setor industrial continuou apresentando números crescentes e, por fim, uma queda em 2014. A Região Sul seguiu o mesmo trajeto em termos de crescimento, apresentou números crescentes durante o período em análise e uma queda no último ano. As regiões nordeste e Centro-oeste apresentaram números crescentes durante todo o período em análise.

A seguir, será apresentado o gráfico com a média comparativa da população total do setor de indústria, por sexo e região durante o período em análise.

Gráfico 4– Média comparativa da população total do setor de Indústria, por sexo e região (2002-2014)



Fonte: RAIS – MTE (2002-2014).

Pelo gráfico 4, é possível destacar que 71,22% da população total do setor são homens e que as mulheres apresentam uma participação de 28,77%. Na região sul, apresentam uma participação maior em relação às outras regiões, com 34,50% em relação aos homens com 65,49%. Noutras regiões elas apresentam uma participação menor.

A Tabela a seguir apresenta a participação da população total setor de Serviços, por sexo nas regiões do Brasil.

Tabela 5 – Participação da população total no setor de Serviços, por regiões brasileiras (2002-2014)

	Norte		Nordeste		Sudeste		Sul		Centro-Oeste		Total	
	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem
2002	409325	407498	1419662	1589765	4345063	3976287	1148082	1216726	815015	642431	8137147	7832707
2003	470279	394006	1497524	1680493	4372663	4049302	1176210	1249510	827513	653039	8344189	8026350
2004	505122	418103	1550446	1755243	4488933	4199290	1223217	1312405	860250	688011	8627968	8373052
2005	547683	451216	1683722	1890438	4703310	4467894	1275146	1374997	906156	754139	9116017	8938684
2006	527846	551336	1770869	2001320	4882834	4665603	1335600	1494433	927777	794078	9444926	9506770
2007	574720	588936	1869895	2103875	5202528	5103449	1364607	1544120	951585	830463	9963335	10170843
2008	612220	631760	1959732	2202519	5338868	5289737	1391616	1611144	987654	866303	10290090	10601463
2009	644185	668692	2093230	2333968	5554766	5560925	1462513	1709238	1049214	922628	10803908	11195451
2010	704202	731004	2221001	2448419	5855373	5914488	1538042	1793386	1089922	972558	11408540	11859855
2011	739777	771976	2356561	2574209	6098390	6253459	1614529	1892525	1145202	1029428	11954459	12521597
2012	736466	782054	2376631	2594838	6198289	6523896	1658039	2016831	1160716	1057068	12130141	12974687
2013	771407	818019	2484861	2709708	6319901	6742933	1727913	2083792	1273749	1134139	12577831	13488591
2014	788168	839406	2559111	2809372	6391202	6895664	1760770	2163001	1300990	1161644	12800241	13869087
Total	8031400	8054006	25843245	28694167	69752120	69642927	18676284	21462108	13295743	11505929	135598792	139359137

Fonte: RAIS – MTE (2002-2014).

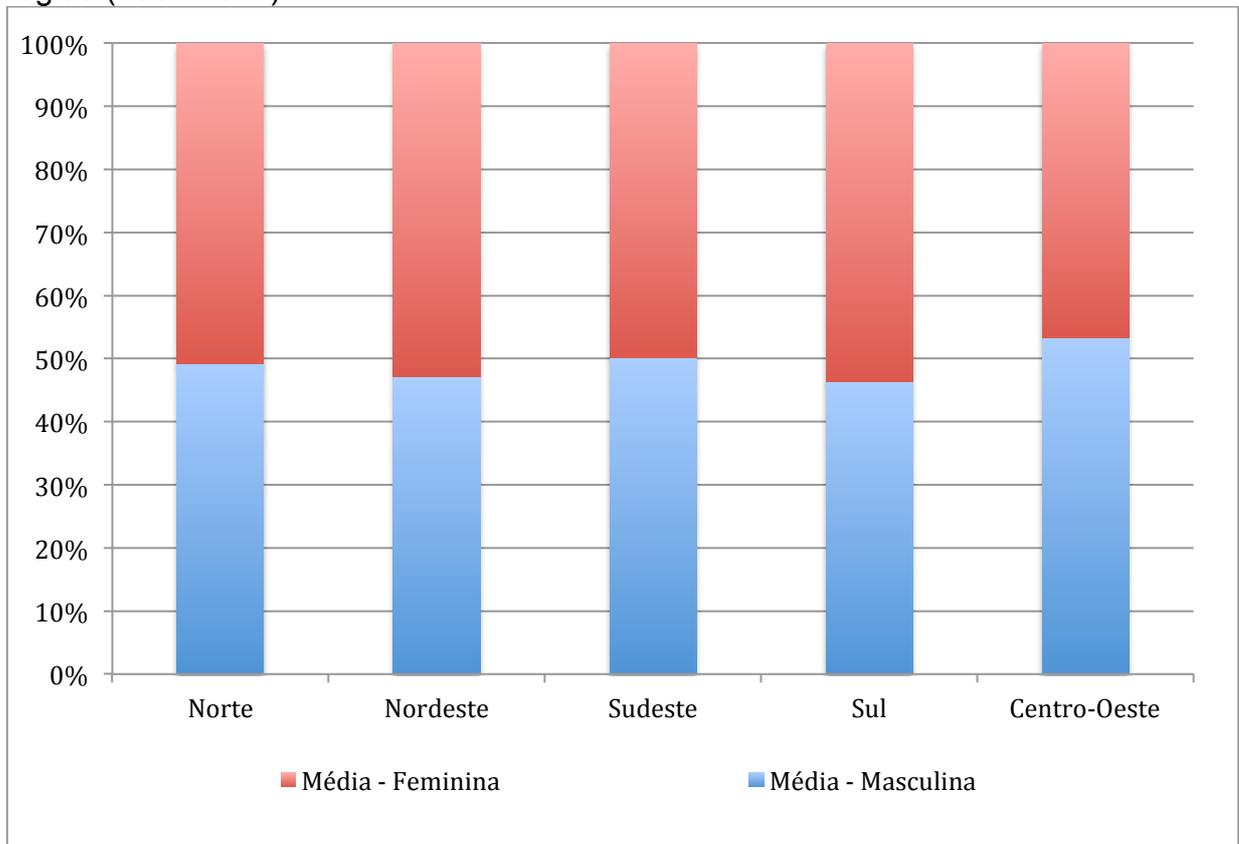
Segundo a tabela 5, a participação masculina no setor de Serviços, que no ano de 2002 apresentou total de 8.137.147 e segue com números crescentes até o ano de 2014, fechando com um total de 12.800.241, ou seja, do ano de 2002 até o ano de 2014, houve um crescimento de 36,43%. Ao longo deste período, a região do Sudeste foi a que apresentou maior número de participação masculina entre as regiões, com um total de 69.752.120. Durante o período em análise, a região apresentou números crescentes: no ano de 2002, teve um total de 4.345.063 até ao ano de 2014, que fechou com um total de 6.391.202, tendo crescido o equivalente a 67,98%; a região Nordeste, com um total de 25.843.245 no período em análise. Também apresentou dados crescentes desde 2002, com um total de 1.419.662 até ao ano de 2014, que fechou com um total de 2.559.111, tendo crescido 55,47%. A região que apresentou menor número de participação foi a Norte, mas, ainda assim, durante os anos em análise, apresentou números crescentes desde o ano de 2002, com um total de 409.325, até o ano de 2014, com um total de 788.168, crescendo assim o equivalente a 51,93%.

De acordo com os dados apresentados acima, o setor de Serviços é setor com maior a participação feminina. Em 2002, as regiões do Brasil somaram um total

de 7.832.707 de mulheres no setor de Serviços. No ano de 2003, passou para um total de 8.026.350; especificamente na Região Norte, houve uma queda do ano de 2003, visto que, no ano de 2002, a região tinha um total de 407.498, no ano de 2003 caí para 394.006, isto é, 3,31% de queda; logo em seguida, no ano de 2004, a região soma um total de 418.103 superando a queda do ano anterior. Com isso, a região apresentou números crescentes até o final do período, somando assim, em 2014, um total de 839.406. Além desta observação específica na região Norte, em todas as regiões, o nível de participação feminina no setor serviços foi crescendo mais e mais. O contrário dos outros setores, este é um setor no qual a concentração de mulheres é maior, visto que a diferença em relação aos outros setores é claramente notável.

Segue o gráfico com a média comparativa da população total do setor de serviços, por região e sexo.

Gráfico 5 – Média comparativa da população total do setor de Serviços, por sexo e região (2002-2014)



Fonte: RAIS – MTE (2002-2014).

Segundo o gráfico 5, observa-se que as mulheres são a maioria no setor em todas as regiões. No setor de serviços, 50,74% da população total que nele participa são mulheres e 49,25% são homens. Em todas as regiões, a participação feminina é maior.

No tópico a seguir, aborda-se especificamente a participação de homens e mulheres no setor de serviços em Santa Catarina. São apresentados gráficos que possibilitam a comparação de como ocorre a participação de homens e mulheres no setor de serviços. Estes gráficos apresentam os índices de participação de acordo com o sexo, as faixas etárias, escolaridade e faixas salariais.

3.2 PARTICIPAÇÃO FEMININA NO SETOR DE SERVIÇOS EM SANTA CATARINA (2002-2014)

De acordo com os dados demográficos do ano de 2010 (IBGE), Santa Catarina é um estado com um total de 6.248.436 habitantes, sendo 3.148.076 mulheres e 3.100.360 homens. No presente capítulo, será apresentada a participação feminina no setor de serviços. Para tal, apresentaremos a população total ocupada por setores econômicos de Santa Catarina, a participação da população feminina e masculina por faixa etária, faixa salarial e escolaridade.

3.2.1 População total ocupada por setores econômicos em Santa Catarina (2002-2014)

Para apresentação total ocupada por setores econômicos em Santa Catarina durante o período de 2002-2014, será apresentado a participação feminina e masculina nos setores econômicos. Analisado como ocorre a participação de ambos os sexos nos setores econômicos de Santa Catarina.

A Tabela a seguir, apresenta a participação da população total nos setores econômicos de Santa Catarina, por sexo. (2002-2014).

Tabela 6 – Participação população total ocupada por setores econômicos-SC (2002-2014)

	Indústria		C. Civil		Comércio		Serviços		Agropecuária		Total	
	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem
2002	293831	141554	40289	2490	127845	86200	262424	244874	28660	7445	753049	482563
2003	299198	148797	38058	2816	137907	93953	272365	258423	31173	8764	778701	512753
2004	329015	169510	40987	2956	150981	107573	285439	275512	33682	10592	840104	566143
2005	333813	180689	46546	3361	164524	119347	300993	293185	33952	10559	879828	607143
2006	352895	197170	49645	3177	170455	127615	326541	328382	32716	9858	932252	666203
2007	377230	216506	59074	3931	182575	140011	328068	347541	33127	9737	980074	717723
2008	381572	225202	70920	4981	192936	151949	336767	370475	32323	10479	1014518	763083
2009	378242	232067	71209	4953	203269	162721	356235	385384	33059	11195	1042014	796323
2010	402148	253147	82789	6256	215511	180377	375193	411128	31953	11152	1107594	862063
2011	412196	258662	90661	7463	224806	191171	394855	438008	32185	11570	1154703	906873
2012	410210	258216	91009	7970	229047	198361	404621	461934	30544	11090	1165431	937573
2013	430488	277429	95194	8285	236497	207480	424882	487412	31278	11982	1218339	992583
2014	434860	278069	96627	8704	242064	213375	441964	513398	32433	12439	1247948	1025983
Total	4835698	2837018	873008	67343	2478417	1980133	4510347	4815656	417085	136862	13114555	9837013

Fonte: RAIS - MTE (2002-2014).

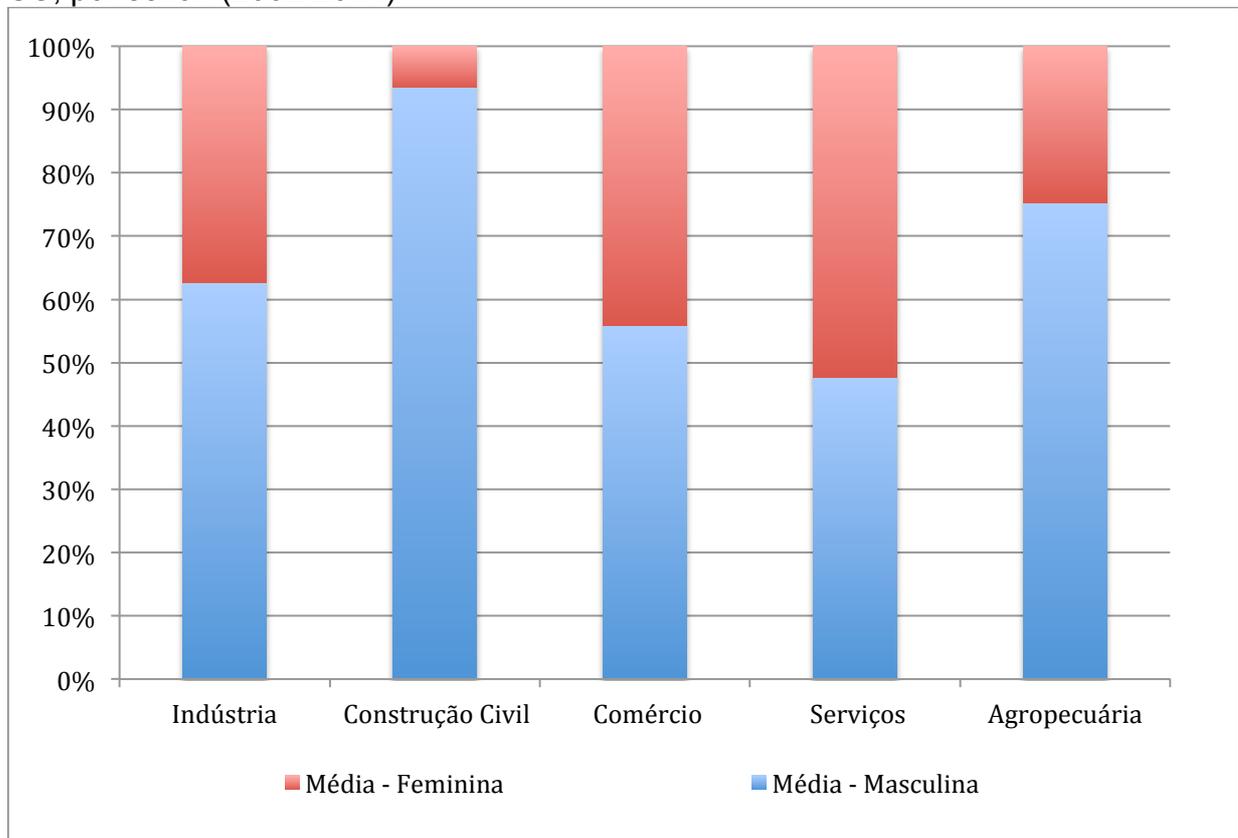
De acordo com os dados apresentados na tabela acima, o setor com menor participação feminina é o setor da construção civil, com um total de 67.343, contando a partir do ano de 2002 até 2014. E com este número, compara-se com o setor no qual houve maior participação, que é o setor de serviços. O setor de serviços soma no total 4.815.656 de participação feminina no período de 2002 - 2014, com um crescimento que se observa a partir do ano de 2002, que era de 244.874 mulheres e, no ano de 2014 o passou para 513.398 mulheres no setor, apresentando um crescimento de 52,30% durante o período. “Em uma economia urbana, o grande setor empregador de mão de obra é o setor de serviços, que corresponde no Brasil por 61,5% da ocupação total, sendo que as atividades respondem por 75,5% do emprego feminino” (MELO; DI SABBATO, 2011, p.27).

De acordo com o que a tabela mostra, a participação masculina nos setores econômicos de Santa Catarina no ano de 2002-2014. Nos anos de 2008 em diante, observa-se uma aproximação entre o setor de serviços e o setor da Indústria, que chega a ser o setor que mais emprega homens. A Tabela 6 mostra que durante o período que está em análise, o setor de serviços somou um total de 4.815.656 de mulheres nele inserido e, analisando agora a participação masculina nos setores econômicos em Santa Catarina, observa-se que o setor de indústria é o que eleva o

nível de participação dos homens, pois este apresenta um total de 4.835.698, um número aproximado do que representa a participação feminina no setor de serviços. O Setor foi apresentando crescimento de 2002 a 2008 e, em 2009, uma queda de 0,87% em relação ao ano anterior. O segundo setor com maior participação masculina é o setor de serviços, somando um total de 4.510.347. O setor com menor participação masculina é o do comércio, com um total de 2.478.417.

Segue o gráfico com média comparativa da população total ocupada por setores econômicos de Santa Catarina, por sexo.

Gráfico 6 – Média comparativa da população total ocupada por setores econômicos-SC, por sexo. (2002-2014)



Fonte: RAIS - MTE (2002-2014).

De acordo com o gráfico 6, pode-se observar que os homens são a maioria em quase todos os setores, com exceção ao setor de serviços. As mulheres, apresentam maior participação no setor de serviços, é o único setor no qual elas são a maioria com 50,74%. O setor no qual elas apresentam menor participação é o setor de construção civil com 7,20%.

3.2.2 População total ocupada no setor de Serviços em Santa Catarina, por faixa etária (2002-2014)

Neste tópico, são apresentadas tabelas com dados sobre a participação da população no setor de Serviços de Santa Catarina, no período de 2002-2014, por sexo e faixa etária.

A tabela a seguir apresenta a população masculina total ocupada no setor de serviços, por sexo e faixa etária.

Tabela 7– Participação da população total ocupada no setor de Serviços em Santa Catarina, por faixa etária (2002-2014)

	10 a 24 M		25 A 39		40 A 64		65 OU MAIS		Total	
	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem
2002	46437	40862	116708	115847	97121	87557	2107	583	262373	244849
2003	48066	43596	120242	121064	101831	93143	2224	617	272363	258420
2004	50844	45812	124332	127149	108051	101817	2209	730	285436	275508
2005	52222	49300	129118	132355	117276	110704	2374	822	300990	293181
2006	54356	53457	137950	148112	131540	125841	2694	969	326540	328379
2007	53363	55487	139923	156533	131831	134417	2950	1101	328067	347538
2008	53866	59721	145475	166404	134445	143136	2980	1211	336766	370472
2009	55604	62406	154534	172073	142766	149533	3331	1369	356235	385381
2010	57942	65999	163140	182963	150255	160463	3856	1701	375193	411126
2011	60531	69378	171123	194898	158758	171763	4429	1967	394841	438006
2012	61062	72657	176617	205688	162229	181302	4710	2285	404618	461932
2013	61566	74350	186556	218814	171317	191515	5443	2731	424882	487410
2014	62689	76233	194977	231716	178103	202272	6195	3177	441964	513398
Total	718548	769258	1960695	2173616	1785523	1853463	45502	19263	4510268	4815600

Fonte: RAIS – MTE (2002-2014).

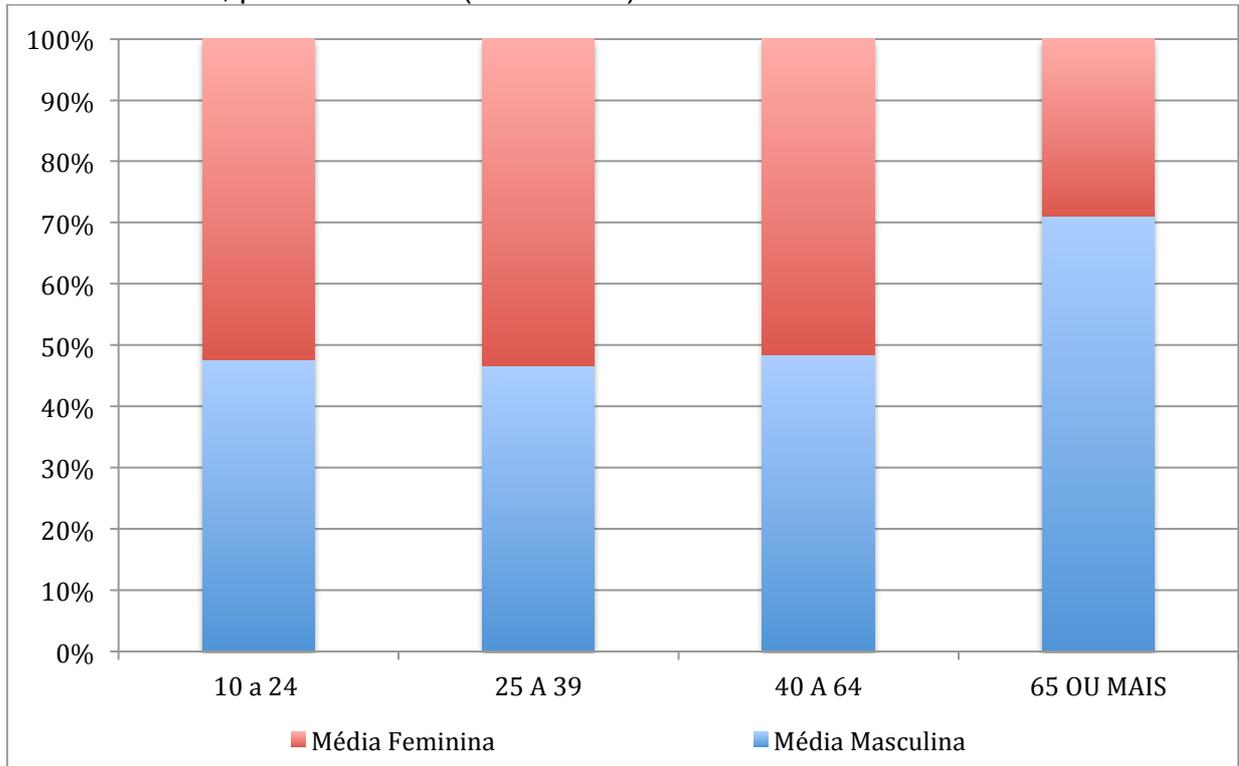
De acordo com os dados apresentados acima, a faixa etária com maior participação no mercado de trabalho é dos 25 aos 39 anos, com um total de 43,47%. A participação masculina predomina na faixa dos 25 a 64 anos: no ano de 2002 somava um total de 213.829 homens e, em 2014, houve um aumento para 373.080, que representa um crescimento de 42,68%. Sobre a participação de idosos na economia brasileira, no ano de 2008, Melo e Di Sabbato (2011, p.47) verificaram “cerca de 5% dos ocupados na economia brasileira.” Outras faixas etárias apresentam um número maior de participação masculina durante o período de 2002 - 2014. Em Santa Catarina, durante o período de 2002 – 2014, os homens na

mesma faixa etária dos 65 anos ou mais, participavam do setor de serviços o equivalente a 1,00%, enquanto que, as mulheres participaram o equivalente a 0,40% na mesma faixa.

De acordo com os dados da tabela 7, a faixa etária com maior participação feminina (e também masculina) é de 25 a 39 anos, durante o período de em análise, 2002- 2014. A participação feminina, na faixa etária de 30 a 39, é de 45,13%. No setor de serviços, a participação tanto feminina quanto masculina é menor nas faixas de 10 a 14 e 15 a 17 anos de idade. Na análise da distribuição percentual da população ocupada de 10 anos ou mais de idade, por setor econômico, segundo sexo e idade, no Brasil, no ano de 2008, Melo e Di Sabbato (2011, p.31) ressaltam que “aparentemente, o mercado de trabalho brasileiro é muito jovem: 53,6% das pessoas ocupadas estão compreendidas nas faixas etárias de 18 a 39 anos, sendo que as mulheres adultas apresentam uma taxa de participação ligeiramente maior, 54,3%.” No estado de Santa Catarina, especificamente, no setor de Serviços, 59,16% das pessoas ocupadas estão na mesma faixa etária.

O Gráfico a seguir, apresenta a média comparativa da população total de Santa Catarina no setor de serviços por faixa etária.

Gráfico 7– Média comparativa da população total ocupada no setor de Serviços em Santa Catarina, por faixa etária (2002-2014)



Fonte: RAIS – MTE (2002-2014).

De acordo com o gráfico 7, destaca-se a questão de que as mulheres no setor de serviços, são a maioria em quase todas as faixas etárias. Dos 10 a 24 anos elas apresentam 52,35% de participação, na faixa dos 25 a 39 com 53,35% e também na faixa dos 40 a 64 anos com 51,56%. Os homens, apresentam maior participação na faixa dos 65 ou mais com 71,10%.

3.2.3 População total ocupada no setor de Serviços em Santa Catarina, por escolaridade (2006-2014)

A tabela a seguir apresenta a participação total ocupada no setor de serviços em Santa Catarina por escolaridade.

Tabela 8 - Participação da População total ocupada no setor de Serviços em Santa Catarina, por escolaridade (2006-2014)

Masculino										
	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	Total
Analfabeto	1177	1235	1106	1436	1143	1351	1056	1382	1310	11196
Até 9ª Fundamental	64098	59379	55641	54136	53884	54073	51662	51138	49587	493598
Fundamental Completo	55310	54051	53671	55037	56711	55863	54045	53892	53417	491997
Médio Incompleto	24338	23330	23453	24158	24700	25108	25090	24966	25863	221006
Médio Completo	98451	99256	105337	119150	129321	141882	151757	161852	172564	1179570
Superior Incompleto	17153	17222	18733	20256	20334	21539	21979	22240	22745	182201
Superior Completo	66014	73595	78826	82062	89100	95039	99032	109412	116478	809558
Total	326541	328068	336767	356235	375193	394855	404621	424882	441964	3389126
Feminino										
	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	Total
Analfabeto	847	893	1140	1035	945	419	508	522	540	6849
Até 9ª Fundamental	42846	41629	42156	41637	41864	43669	42878	43429	43261	383369
Fundamental Completo	39104	39019	40265	41317	42433	44808	45697	45436	45784	383863
Médio Incompleto	18202	18103	19384	20020	21113	22443	22733	22498	23232	187728
Médio Completo	101540	103623	112820	126231	137635	149044	161285	172083	183303	1247564
Superior Incompleto	21329	22051	23447	25529	26875	28679	29850	30513	31700	239973
Superior Completo	104514	122223	131263	129615	140263	148946	158983	172931	185578	1294316
Total	328382	347541	370475	385384	411128	438008	461934	487412	513398	3743662

Fonte: RAIS – MTE (2002-2014).

Segundo Melo e Di Sabbato (2011, p.33), “a escolaridade é um dos indicadores mais significativos para uma análise do mundo do trabalho.” A tabela acima mostra uma predominância maior no ensino médio completo. Observa-se que a maioria os homens inseridos no setor de serviços tem o ensino médio completo, somando um total de 1.179.570 durante o período de 2006 a 2014, que representa 34,80%. Num total de 3.389.126 inseridos no setor ao longo do período, o número total de homens analfabetos durante o período é de 11.196 homens, representando assim, 0,33%.

De acordo com a tabela acima, observa-se uma predominante presença na das mulheres nos níveis de médio completo e superior completo nos anos em análise. “A taxa de participação aumenta conforme os anos de escolaridade das mulheres.” (BARBOSA, 2014, p.419).

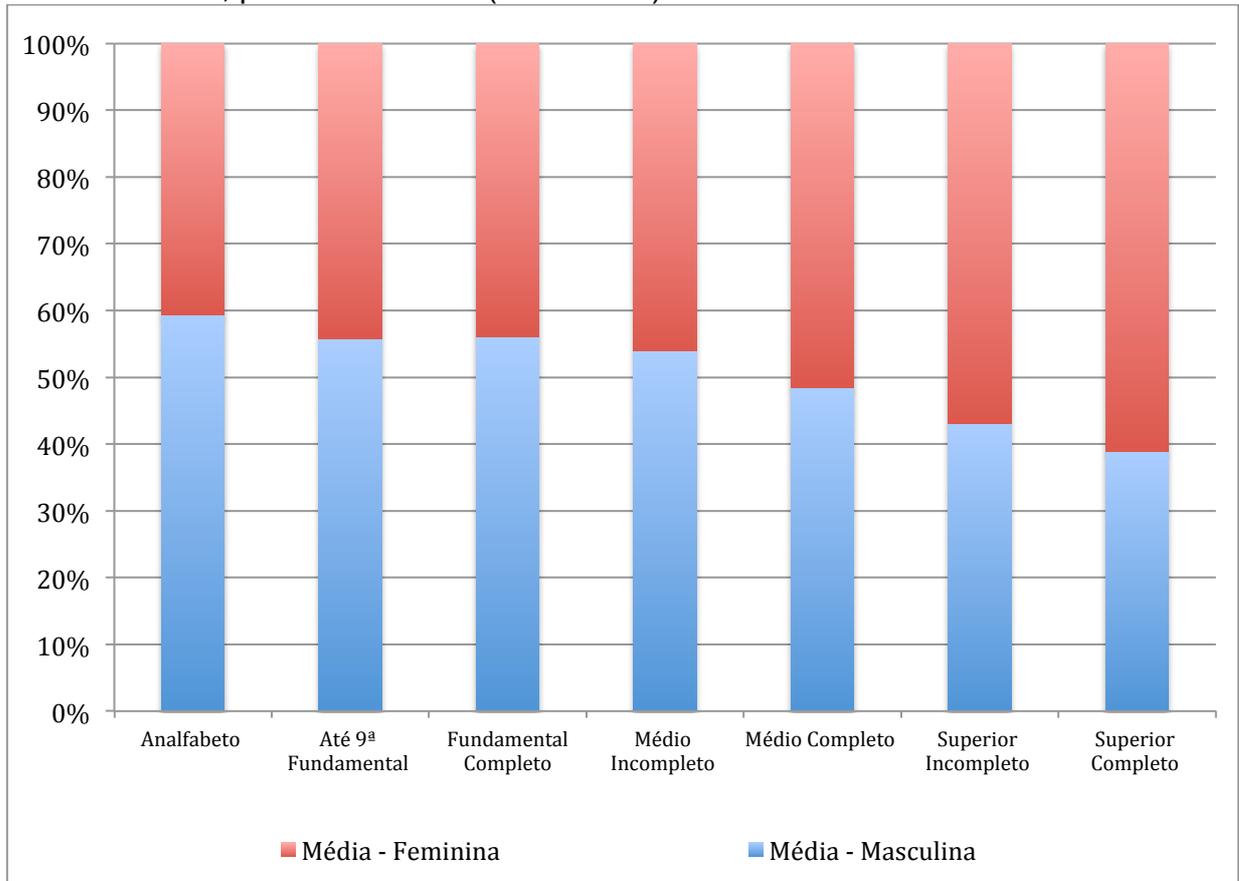
Segundo a tabela, quando se fala do ensino superior incompleto, as mulheres lideram com 56,84% contra os 43,15% dos homens. No ensino médio completo, 49,60% dos homens neste setor tem o ensino médio completo contra 51,40% das

mulheres. No que se refere ao superior completo, verifica-se uma concentração maior em relação à participação feminina, com um percentual de 61,52%; o percentual masculino é de 38,48%. Segundo Bandeira (2013, p.18), “o mercado de trabalho é composto por aproximadamente 50% de mão de obra feminina, um fato remarcável associado ao avanço de escolaridade”, as mulheres tendem a se escolarizar cada vez mais.

De acordo com Bruschini (2007, p.547), “a expansão da escolaridade, a qual as brasileiras têm tido cada vez mais acesso, é um dos fatores de maior impacto sobre o ingresso das mulheres no mercado de trabalho.” No ano de 2008, no que se refere ao setor de serviços, “num corte de gênero, nota-se a melhor escolaridade das mulheres: 15% delas têm instrução superior, enquanto que eles são apenas 12,2% com igual escolaridade.” (MELO; SABBATO, 2011, p.50). Pode-se observar no período em análise que os homens apresentam um número maior de analfabetos, que são 11.196. Em relação as mulheres: um total de 6.849 mulheres analfabetas durante o período em análise.

Segue o gráfico a média comparativa da população total no setor de serviços em Santa Catarina, por escolaridade.

Gráfico 8 - Média comparativa da População total ocupada no setor de Serviços em Santa Catarina, por escolaridade (2006-2014)



Fonte: RAIS – MTE (2002-2014).

De acordo com o gráfico 8, pode-se observar que neste setor, os homens existe um número maior de homens analfabetos em relação as mulheres. Eles representam 59,31% dos analfabetos no setor. Até o 9ª fundamental, os homens também apresentam maior participação com 55,79%, assim como no fundamental completo com 56,02% e no médio incompleto com 53,91%. As mulheres, apresentam maior participação no médio completo com 51,55%, no ensino superior incompleto com 56,92% e no superior completo (incluindo mestrado e doutorado) com 61,15%.

3.2.4 População total ocupada no setor de Serviços em Santa Catarina, por faixa salarial (2002-2014)

A Tabela a seguir apresenta a população masculina total ocupada no setor de serviços, por faixa salarial.

Tabela 9 – Participação da população total no setor de serviços por faixa salarial em Santa Catarina (2002-2014)

Masculino								
	Até 0,50	0,51 a 1,00	1,01 a 1,50	1,51 a 2,00	2,01 a 3,00	3,0 a 7,00	7,01 a Mais de 20	Total
2002	715	5163	24622	36785	66175	84095	43853	261408
2003	913	6077	30117	40734	69262	82163	41536	270802
2004	958	7851	30718	43927	72254	84667	43341	283716
2005	1074	6925	36380	47695	75157	86735	43399	297365
2006	1255	8239	48133	54394	74404	86985	48408	321818
2007	1305	8456	51935	56815	74546	86657	41910	321624
2008	1396	8933	51253	60464	76623	88842	41888	329399
2009	1370	9439	58125	66485	81062	91195	40644	348320
2010	1279	9606	59379	72988	87902	93357	41696	366207
2011	1394	9098	55324	74765	97803	101385	45498	385267
2012	1501	9763	59039	79958	99793	98875	45567	394496
2013	1682	10401	59620	77824	111877	106068	47248	414720
2014	1735	10763	55531	79536	120868	111696	51180	431309
Total	16577	110714	620176	792370	1107726	1202720	576168	4426451
Feminino								
	Até 0,50	0,51 a 1,00	1,01 a 1,50	1,51 a 2,00	2,01 a 3,00	3,01 a 7,00	7,01 a Mais de 20	Total
2002	803	10820	43156	45663	47499	66812	29626	244379
2003	973	12065	53693	49294	48909	65615	26945	257494
2004	1128	11797	55053	54628	50440	71552	29465	274063
2005	1229	14186	67017	55695	51667	72640	27612	290046
2006	1603	17773	85745	57582	54128	78403	28018	323252
2007	1797	18532	97296	60700	55343	79468	26564	339700
2008	2208	18734	103758	64907	59019	84868	27989	361483
2009	2219	22882	113609	66803	60381	84396	26010	376300
2010	2223	23328	120488	74695	64571	89122	26219	400646
2011	2208	22693	121491	82923	70958	96352	29987	426612
2012	2070	24984	129010	88660	73869	97299	33547	449439
2013	2238	26421	134638	91186	81343	104018	34821	474665
2014	2241	24332	129381	104670	90024	111078	38425	500151
Total	22940	248547	1254335	897406	808151	1101623	385228	4718230

Fonte: RAIS – MTE (2002-2014).

No Brasil, segundo Melo (2011, p.35), “o sexo masculino responde por 57,6% da ocupação do mercado de trabalho e as mulheres por 42,4%.

Apesar do tempo, estudos comparativos sobre a diferença salarial entre homens e mulheres demonstram que as mulheres sempre estão abaixo dos homens. De acordo com o IBGE (2012, p.19), sobre a relação entre a remuneração das mulheres e dos homens com o mesmo nível de escolaridade, “em 2003, as

mulheres sem instrução e com menos de 1 ano de estudo foi de 66,2% e daquelas com 11 anos ou mais de estudo foi de 65,0%. Essas proporções, em 2011, foram de 68,4% e 69,2%, na mesma ordem.”

O rendimento feminino tem estado sempre em causa. De acordo com o IBGE (2012), o rendimento médio do trabalho das mulheres em 2011 foi R\$ 1.343,81, 72,3% do que recebiam os homens (R\$ 1.857,63). Os dados do ano de 2011 mostram uma pequena evolução quando os mesmos são comparados com anos anteriores, pois estes em relação ao ano de 2003, quando a remuneração média das mulheres foi de R\$ 1.076,04 (IBGE 2012).

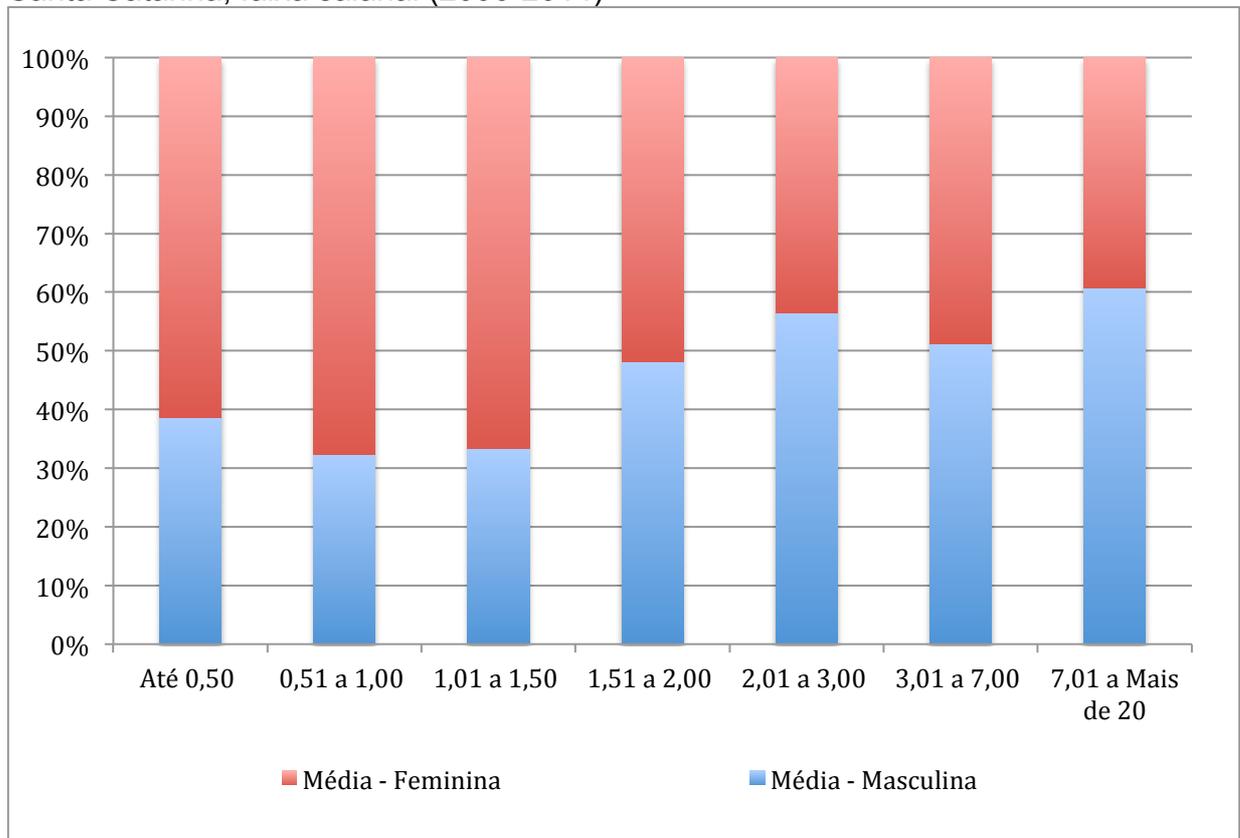
Segundo a tabela 6, observamos que, a partir do ano de 2006, as mulheres são a maioria se tratando do setor de serviços. Neste mesmo setor, elas também são mais escolarizadas que os homens, visto que, o número de analfabetas apresentado na tabela 8, representa 0,18% da população feminina inserida no setor de serviços contra 0,33% dos homens inseridos no mesmo setor em Santa Catarina. Ainda no nível de escolaridade, as mulheres neste setor lideram o ensino superior completo (incluindo o mestrado e o doutorado), apresentando 34,57% de participação contra os 23,88% de participação dos homens. Do analfabetismo até o ensino médio incompleto, os homens apresentam maior participação, isto porque a maioria das mulheres se encontram no médio completo, ensino superior incompleto e ensino superior completo que se inclui o mestrado e o doutorado. Mas ainda assim, de acordo com a pesquisa realizada com base nos dados de 2006 (RAIS, 2006 apud CAPELLIN, 2008, P.113), “as trabalhadoras com nível superior completo recebem em média 57,19% da remuneração paga aos homens com a mesma instrução.”

Pelo fato de apresentar maior nível de escolaridade que os homens, esperava-se que elas num setor no qual são a maioria, sendo mais escolarizadas também tivessem uma remuneração à altura. Na tabela 9, vemos que a sua maioria está na faixa salarial de entre as faixas de 0,51 a 1,00 e 1,01 a 2,00 salários mínimos, enquanto que os homens predominam na faixa de 3,00 a 7,00 salários mínimos. O que nos mostra a desigualdade salarial num setor no qual elas são a maioria e também as mais escolarizadas. Segundo Barbosa (2014, p.415), “a taxa de atividade feminina no Brasil teve um aumento significativo nas últimas décadas”, se as mulheres são mais escolarizadas que os homens, elas tendem a ingressar cada vez mais no mercado, mas, contudo isso, seus salários continuam sendo

inferiores. No setor de serviços, mesmo com maior participação, possuindo mais nível de escolaridade em relação aos homens, elas continuam tendo menor remuneração em relação a eles, o que acaba reforçando a discriminação salarial sofrida por elas.

O gráfico a seguir, apresenta a média comparativa da população total ocupada no setor de serviços em Santa Catarina.

Gráfico 9 – Média comparativa da População total ocupada no setor de Serviços em Santa Catarina, faixa salarial (2006-2014)



Fonte: RAIS – MTE (2002-2014).

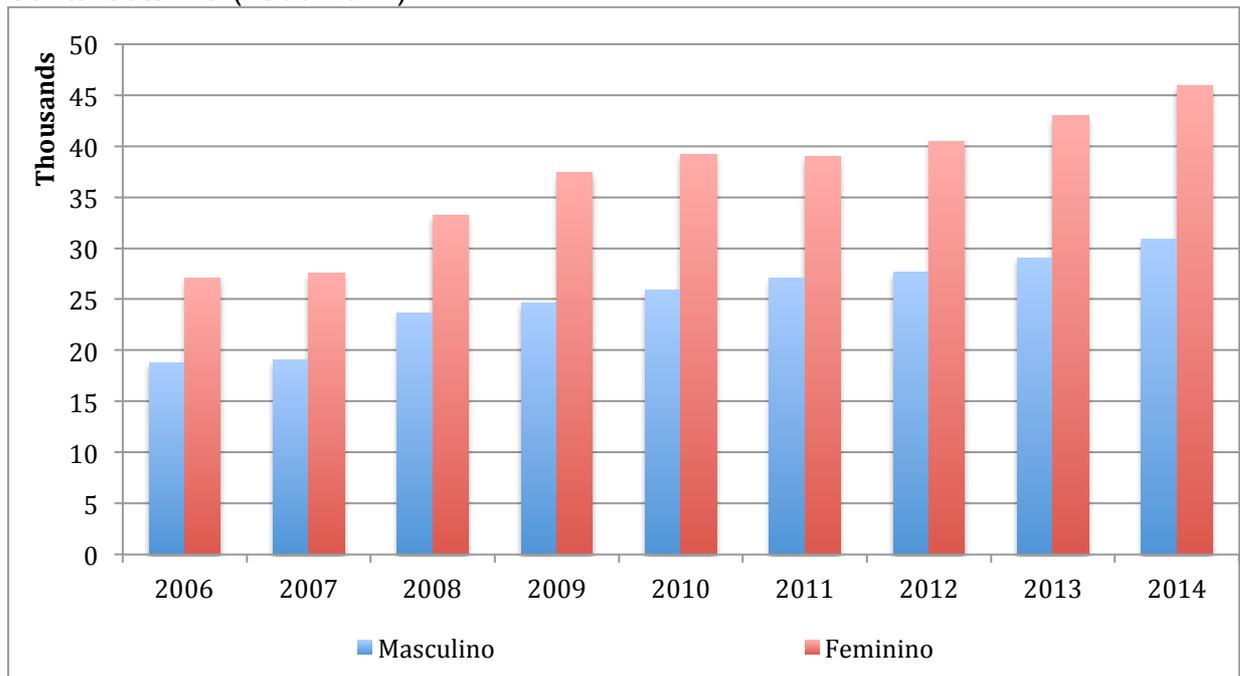
De acordo com o gráfico 9, durante período em análise, observa-se que as mulheres são a maioria nas faixas salariais mais baixas. Na faixa até 0,50, elas participam 61,33%, de 0,51 a 1,00 com 67,71%, de 1,01 a 1,50 com 66,74%, na faixa nos 1,51 a 2,00 com 51,77%. Os homens têm uma participação maior nas faixas dos 2,01 a 3,00 com 56,48%, na faixa dos 3,01 a 7,00 com 51,28% e na faixa de 7,01 a Mais de 20 com 60,76%.

3.3 POPULAÇÃO TOTAL NO SUBSETOR DE EDUCAÇÃO DE SANTA CATARINA (2006-2014)

No presente tópico, são apresentados os números relativos à participação da população total no subsetor da educação, desagregados por sexo, faixa etária, faixa salarial e escolaridade. De acordo com a Classificação Nacional de Atividades Econômicas – CNAE, as atividades que constituem o subsetor são: educação infantil e ensino fundamental, ensino médio, educação superior, educação profissional de nível técnico e tecnológico, atividade de apoio à educação e outras atividades de ensino.

O gráfico a seguir apresenta a participação da população total no subsetor da educação em Santa Catarina.

Gráfico 10 – Participação da população total no subsetor da educação, por sexo em Santa Catarina (2006-2014)



Fonte: RAIS – MTE (2006-2014).

No subsetor, soma-se um total de 332.888 mulheres e 226.742 homens durante o período de 2006 – 2014. As mulheres apresentam uma participação de 59,48% e os homens de 40,51%.

A Tabela a seguir, apresenta a participação da população total no subsetor de educação por faixa etária, em Santa Catarina.

Tabela 10 – Participação população total no subsetor de educação, por faixa etária em Santa Catarina (2006-2014)

	10 A 24		25 A 39		40 A 64		65 OU MAIS		Total	
	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem
2006	1666	3918	9458	14347	7490	8722	173	81	18787	27068
2007	1679	3857	9480	14636	7689	9029	190	86	19038	27608
2008	1900	4449	10882	16533	10610	12123	274	128	23666	33233
2009	1984	5205	11503	18925	10832	13141	302	150	24621	37421
2010	2027	5429	12221	19810	11352	13805	330	168	25930	39212
2011	1976	5166	12701	19285	12008	14363	388	204	27073	39018
2012	2129	5447	12912	19929	12168	14829	435	231	27644	40436
2013	2181	5840	13619	21219	12777	15644	494	256	29071	42959
2014	2244	6058	14622	22707	13489	16883	557	285	30912	45933
Total	17786	45369	107398	167391	98415	118539	3143	1589	226742	332888

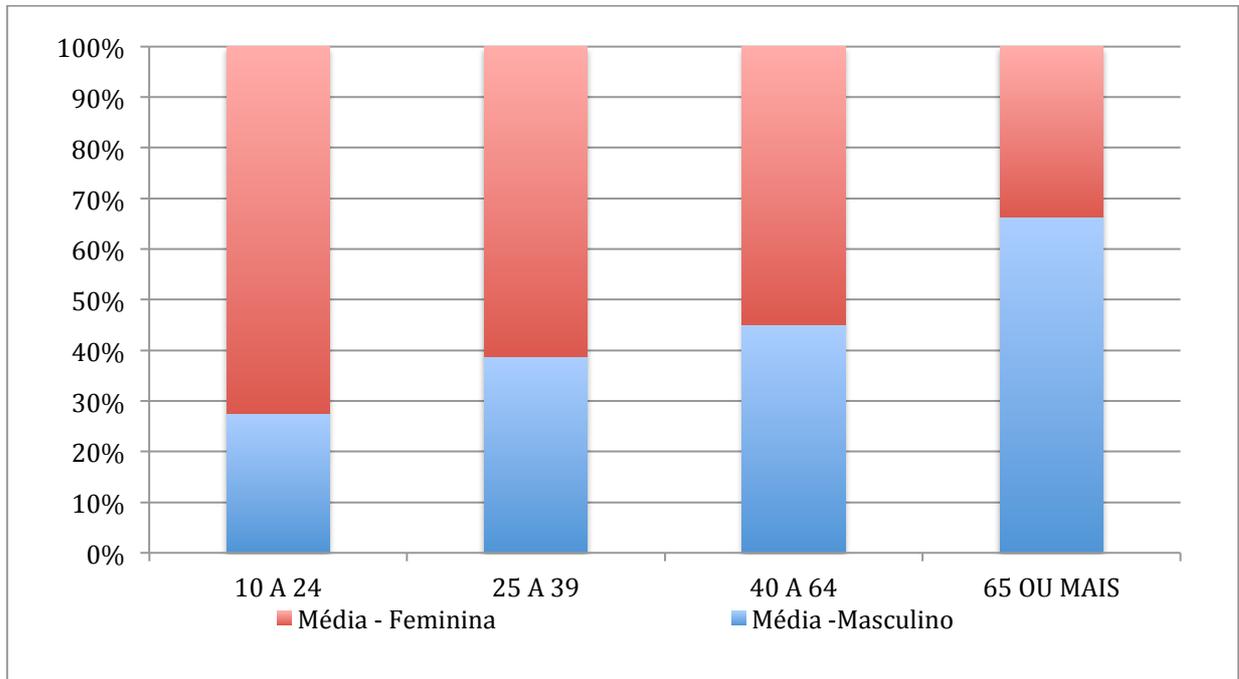
Fonte: RAIS – MTE (2006-2014).

De acordo com os dados apresentados acima, a faixa etária com maior participação na Educação é dos 25 aos 39 anos, que somou um total de 107.398 durante o período de 2006-2014: no ano de 2006, todas as faixas etárias somavam um total de 18.787 homens e, em 2014, houve um aumento para 30.912, que representa um crescimento de 39,22%. Outras faixas etárias apresentaram um número menor de participação masculina durante o período de 2006-2014.

De acordo com os dados apresentados, a faixa etária com maior participação feminina assim como a masculina é de 25 a 39 anos, durante o período em análise, 2006-2014. A participação feminina, na faixa etária de 25 a 39, soma um total de 167.391 mulheres durante o período, representando 50,28%. Isto é, mais da metade das mulheres inseridas na educação está na faixa etária dos 25 aos 39 anos. A faixa etária dos 40 a 64 é a segunda com maior participação, apresentando um total de 118.539 mulheres, o que representa 35,60%.

O gráfico a seguir, apresenta a média comparativa da população total no subsetor de educação em Santa Catarina.

Gráfico 11 – Média comparativa da população total no subsetor de educação, por faixa etária em Santa Catarina (2006-2014)



Fonte: RAIS – MTE (2006-2014).

O gráfico 7 destaca que as mulheres no setor de serviços são a maioria em quase todas as faixas etárias, refletindo assim nos seus subsetores também. No subsetor de educação segue o mesmo padrão. Dos 10 a 24 anos elas apresentam 72,40% de participação, na faixa dos 25 a 39 com 61,21%, na faixa dos 40 a 64 anos com 54,87%. Na faixa dos 65 ou mais, os homens apresentam maior participação com 66,26%.

A tabela a seguir apresenta a participação da população total no subsetor de educação em Santa Catarina, por faixa salarial.

Tabela 11 – Participação população total no subsetor de educação, por faixa salarial em Santa Catarina (2006-2014)

Masculino								
	Até 0,50	0,51 a 1,00	1,01 a 1,50	1,51 a 2,00	2,01 a 3,00	3,01 a 7,00	7,01 a mais de 20,00	Total
2006	280	1114	2027	2451	3145	4914	4361	18292
2007	294	1315	2238	2424	3206	4868	4070	18415
2008	346	1450	2529	2845	3372	6110	6210	22862
2009	368	1707	2893	3163	3570	6351	5785	23837
2010	372	1976	3004	3175	3783	6493	6226	25029
2011	436	2006	3027	3219	3988	6780	6561	26017
2012	512	2208	3229	3372	4102	7059	6236	26718
2013	520	2452	3334	3434	4431	7442	6597	28210
2014	579	2700	3438	3551	4726	8011	6931	29936
Total	3707	16928	25719	27634	34323	58028	52977	219316
Feminino								
	Até 0,50	0,51 a 1,00	1,01 a 1,50	1,51 a 2,00	2,01 a 3,00	3,01 a 7,00	7,01 a mais de 20,00	Total
2006	379	1990	4974	4148	4618	6429	4005	26543
2007	389	2241	5418	4257	4675	6281	3683	26944
2008	447	2491	6181	5106	4934	7985	5258	32402
2009	466	3072	8114	6001	5786	8154	4853	36446
2010	539	3273	8462	6405	5988	8193	5242	38102
2011	611	3069	7894	5852	6064	8941	5438	37869
2012	572	3535	8537	6025	6220	9197	5263	39349
2013	565	3845	8901	6481	6839	9134	6149	41914
2014	656	3954	8981	7366	7485	10012	6395	44849
Total	4624	27470	67462	51641	52609	74326	46286	324418

Fonte: RAIS – MTE (2006-2014).

Segundo com a tabela acima, pode-se verificar a predominância dos homens na faixa salarial de 3,01 a 7,00 salários mínimos, no período de 2006 a 2014. Durante o período em análise, somou-se 219.316 homens. Na faixa salarial de 3,01 a 7,00, somou durante o período um total de 58.028 homens, o que representa 26,45%. A segunda faixa salarial com maior número é a faixa dos 7,01 a mais de 20,00 com um total de 52.977, que representa 24,15%. A menor faixa salarial e também a com menor número de homens, a faixa até 0,50, com um total de 3707, que representa 1,69%.

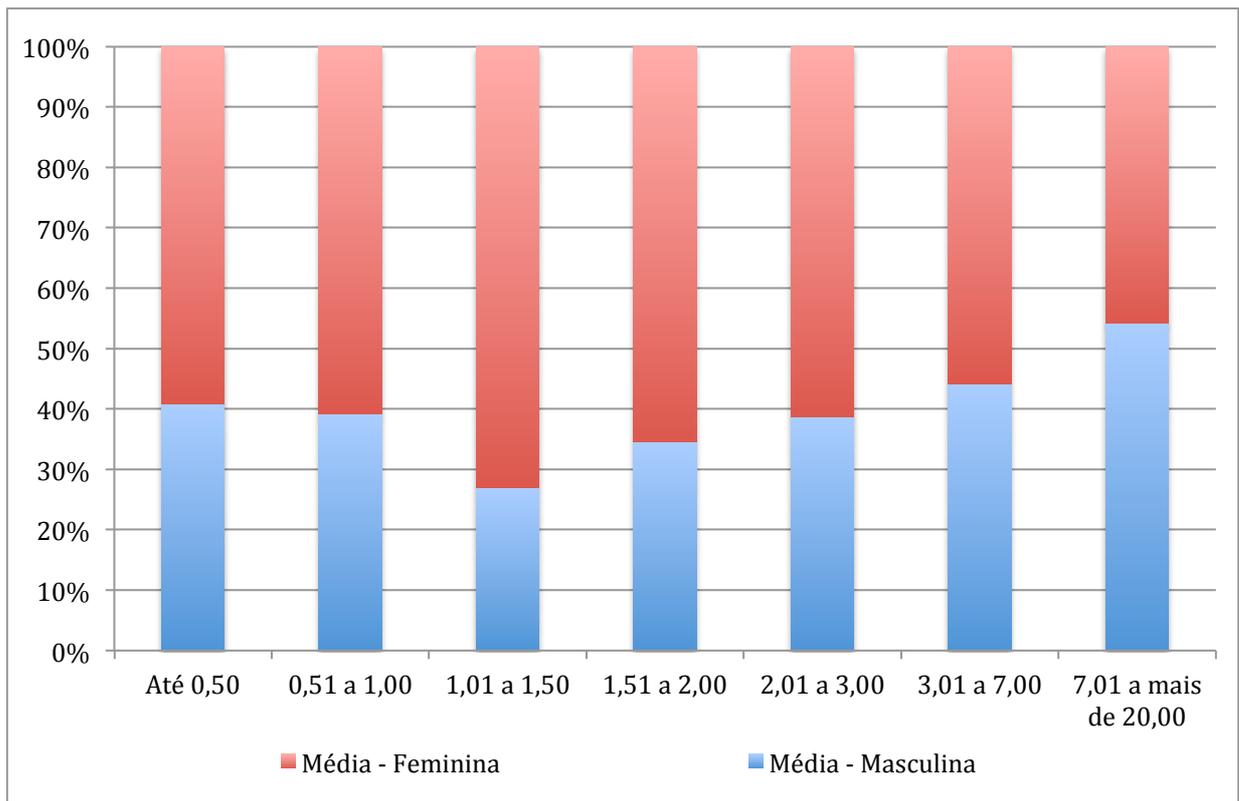
Pode-se analisar um número maior de mulheres na faixa salarial de 3,01 a 7,00 salários mínimos no período de 2006 a 2014. Durante o período, soma-se um total de 324.418 mulheres nas faixas salariais em análise. No período de 2006 a

2014 na faixa salarial de 3,01 a 7,00 representava um total de 74.326 mulheres, representando 22,19%.

Pelo número de mulheres inseridas no setor, o gráfico mostra que em segunda posição, a faixa salarial cai para 1,00 a 1,50 salários mínimos, com 1,01 a 1,50 salários mínimos encontramos 67.462 mulheres que representam 20,79%; o que não parece um valor satisfatório para uma área como a área da Educação, onde as mulheres estão em maior número e num setor que tem empregado na sua maioria mulheres.

O gráfico a seguir apresenta a média comparativa da população total no subsetor de educação em Santa Catarina, por faixa etária.

Gráfico 12 – Média comparativa da população total no subsetor de educação, por faixa salarial em Santa Catarina (2006-2014)



Fonte: RAIS – MTE (2006-2014).

No gráfico acima, é apresentado a média da faixa salarial, por sexo, durante o período em análise, no subsetor de educação. De acordo com o gráfico 12, as mulheres são a maioria nas faixas salariais mais baixas. Na faixa até 0,50 elas participam 59,16%, de 0,51 a 1,00, com 60,85%, de 1,01 a 1,50 com 72,98%, na

faixa dos 1,51 a 2,00 com 65,39%, na faixas dos 2,01 a 3,00 com 61,28%, na faixa dos 3,01 a 7,00 com 55,78%. Na faixa de 7,01 a Mais de 20, os homens destacam-se com uma participação de 54,21%.

A tabela a seguir apresenta a participação da população total no subsetor de educação em Santa Catarina, por escolaridade.

Tabela 12 – Participação população total no subsetor de educação, por escolaridade em Santa Catarina (2006-2014)

Masculino										
	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	Total
Analfabeto	13	11	11	11	9	1	2	2	3	63
Até 9ª Fundamental	657	613	748	749	670	651	583	515	487	5673
Fundamental Completo	609	577	801	739	666	659	627	605	629	5912
Médio Incompleto	414	390	397	404	396	387	386	361	347	3482
Médio Completo	2984	3179	3952	4169	4281	4670	4975	5166	5493	38869
Superior Incompleto	1314	1221	1292	1263	1239	1247	1220	1257	1249	11302
Superior Completo	12796	13047	16465	17286	18669	19458	19851	21165	22704	161441
Total	18787	19038	23666	24621	25930	27073	27644	29071	30912	226742
Feminina										
	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	Total
Analfabeto	20	18	25	27	18	9	13	16	29	175
Até 9ª Fundamental	1364	1296	1387	1584	1695	1307	1228	1146	1180	12187
Fundamental Completo	1438	1319	1559	1794	1700	1404	1384	1384	1418	13400
Médio Incompleto	698	650	749	899	895	857	910	885	894	7437
Médio Completo	5004	5227	6298	7460	7856	7497	8088	8582	8921	64933
Superior Incompleto	2466	2279	2482	2712	2783	2874	2801	2829	3074	24300
Superior Completo	16078	16819	20733	22945	24265	25070	26012	28117	30417	210456
Total	27068	27608	33233	37421	39212	39018	40436	42959	45933	332888

Fonte: RAIS – MTE (2006-2014).

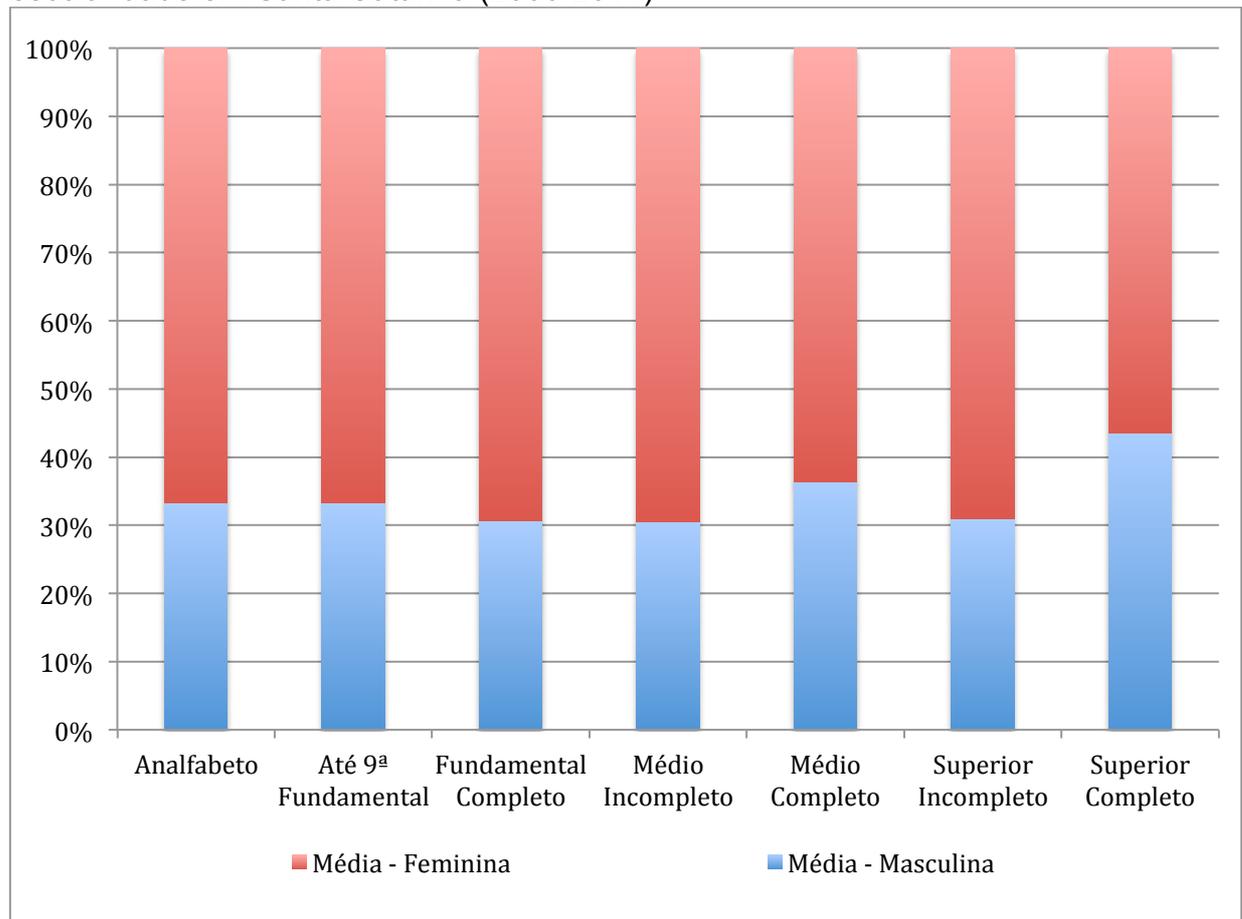
Segundo a tabela acima, quanto à escolaridade, observa-se uma predominância de homens com o ensino médio completo, somando um total de 38.869 homens com, que representa 17,14% num total de 226.742 inseridos no setor ao longo do período. O número total de homens analfabetos durante o período é de 63 homens, representando assim, 0,02% de analfabetos durante o período em análise e de 3.482 homens no ensino incompleto, que representam 1,53% do total dos homens inseridos durante o período.

Observa-se uma presença maior das mulheres nos níveis de ensino médio completo e ensino superior completo nos anos em análise. Segundo a tabela acima,

as mulheres somam um total de 332.888 durante o período em análise. Quando se trata do ensino superior incompleto, as mulheres lideram com 56,84% contra os 43,16% dos homens. No ensino médio completo, 17,14% dos homens no subsetor da Educação tem o ensino médio completo contra 19,50% das mulheres. No superior completo, verifica-se uma maior concentração feminina em relação à participação masculina que apresenta um percentual de 61,52%, enquanto que o percentual masculino é de 38,47%.

O gráfico a seguir apresenta a média comparativa da população total no subsetor de educação em Santa Catarina, por escolaridade.

Gráfico 13 – Média comparativa da população total no subsetor da educação, por escolaridade em Santa Catarina (2006-2014)



Fonte: RAIS – MTE (2006-2014).

De acordo com o gráfico, observa-se que, no subsetor de educação, existe um número maior de mulheres, elas participam no subsetor com 59,59%. Elas

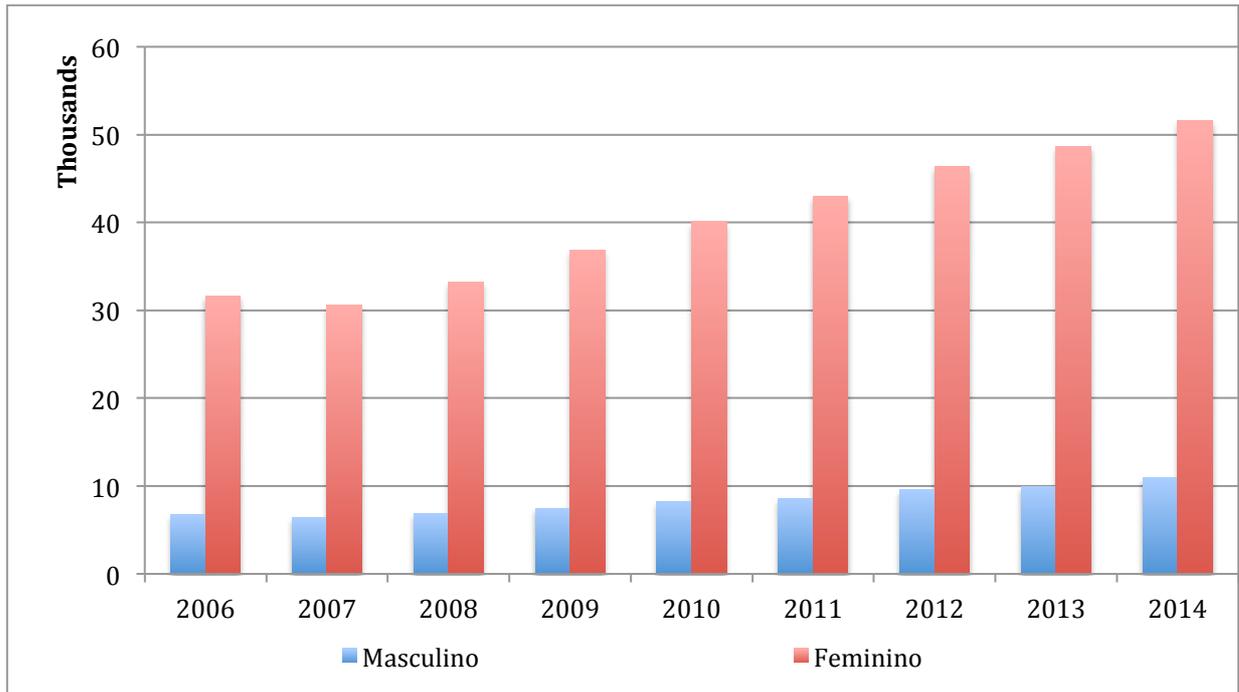
representam 66,66% dos analfabetos no setor. Até o 9^a fundamental, elas também apresentam maior participação com 66,75%, assim como no fundamental completo com 69,27%, no médio incompleto com 69,41%, no médio completo com 63,65%, no ensino superior incompleto com 69,02% e no superior completo (incluindo mestrado e doutorado) com 56,51%.

3.4 POPULAÇÃO TOTAL NO SUBSETOR DE SAÚDE HUMANA E SERVIÇOS SOCIAIS DE SANTA CATARINA (2006-2014)

No presente tópico, são apresentados os números relativos à participação da população total no subsetor de saúde humana e serviços sociais, desagregados por sexo, faixa etária, faixa salarial e escolaridade. De acordo com a Classificação Nacional de Atividades Econômicas, por seção, as atividades que constituem o subsetor são: Atividades de atendimento hospitalar, serviços móveis de atendimento a urgências e de remoção de pacientes, atividades de atenção ambulatorial executadas por médicos e odontólogos, atividades de serviços de complementação diagnóstica e terapêutica, atividades de profissionais na área de saúde, exceto médicos e odontólogos, atividades de apoio à gestão da saúde e atividade de atenção à saúde humana não especificadas anteriormente.

O gráfico a seguir apresenta a participação da população total no subsetor de saúde humana e serviços sociais, em Santa Catarina, por sexo.

Gráfico 14- Participação da população total no subsetor de saúde humana e serviços sociais, por sexo em Santa Catarina (2006-2014)



Fonte: RAIS – MTE (2006-2014).

No subsetor de saúde humana e serviços sociais, soma-se um total de 362.254 mulheres 74.999 homens durante o período de 2006 – 2014. As mulheres apresentam uma participação de 82,84% e os homens de 17,15%.

A tabela a seguir, apresenta a participação da população total no subsetor de saúde humana e serviços sociais em Santa Catarina.

Tabela 13 – Participação população total no subsetor de saúde humana e serviços sociais, por faixa etária em Santa Catarina (2006-2014)

	10 A 24 M		25 A 39 M		40 A 64 M		65 OU MAIS M		Total	
	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem
2006	1226	6576	3377	15686	2150	9360	50	60	6803	31682
2007	1054	6188	3219	15246	2118	9140	53	65	6444	30639
2008	1083	6703	3555	16660	2163	9819	65	74	6866	33256
2009	1145	7260	3836	18502	2436	10941	75	93	7492	36796
2010	1171	7534	4240	20438	2771	12017	94	117	8276	40106
2011	1210	8076	4405	21898	2911	12925	89	131	8615	43030
2012	1245	8479	5045	23779	3186	14014	101	149	9577	46421
2013	1244	8571	5270	25180	3363	14749	102	191	9979	48691
2014	1442	8583	5770	26852	3614	15987	121	211	10947	51633
Total	10820	67970	38717	184241	24712	108952	750	1091	74999	362254

Fonte: RAIS – MTE (2006-2014).

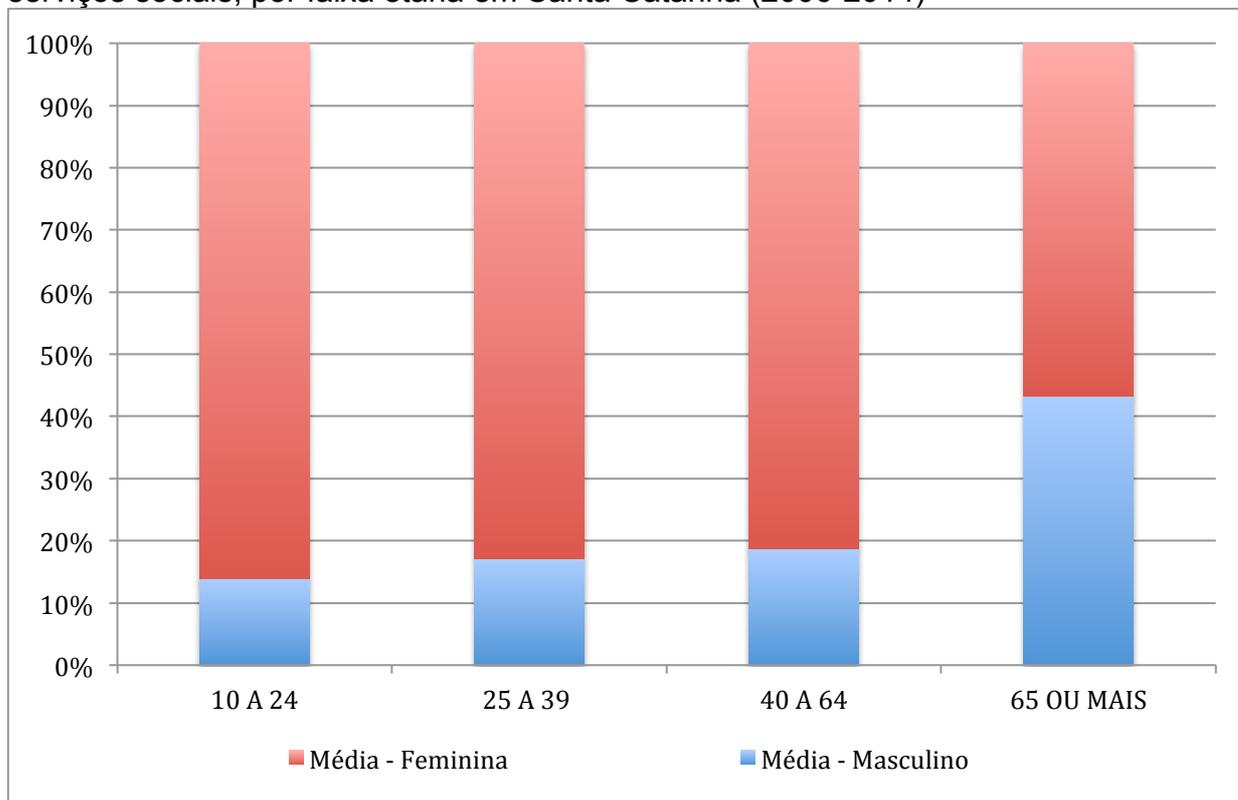
De acordo com os dados apresentados na tabela acima, a faixa etária com maior participação na Saúde humana e serviços sociais é dos 25 aos 39 anos. O período 2006-2014 somou um total de 74.999.

A participação masculina na saúde humana e serviços sociais predomina na faixa etária dos 25 a 39 anos. Durante o período em análise, a faixa etária dos 25 a 39 anos somou um total de 38.717, o que representa 51,62%.

Segundo a tabela, a faixa etária com maior participação feminina assim como a masculina é de 25 a 39 anos, durante o período em análise, 2006-2014. A participação feminina, na faixa etária de 25 a 39, soma um total de 184.241 mulheres durante o período, representando 50,85%. Ou seja, mais da metade das mulheres inseridas na saúde humana e serviços sociais, estão na faixa etária dos 25 aos 39 anos. Em seguida, a faixa etária dos 40 a 64 é a segunda com maior participação, apresentando um total de 108.952 mulheres, o que representa 30,07%.

O gráfico a seguir apresenta a média comparativa da população total no subsetor de saúde humana e serviços sociais em Santa Catarina, por faixa etária.

Gráfico 15 - Média comparativa da população total no subsetor de saúde humana e serviços sociais, por faixa etária em Santa Catarina (2006-2014)



Fonte: RAIS – MTE (2006-2014).

Visto que, segundo o gráfico 7, as mulheres no setor de serviços, são a maioria em quase todas as faixas etárias, o que acaba refletindo nos seus subsetores, continua seguindo o mesmo padrão no subsetor de saúde humana e serviços sociais. Dos 10 a 24 anos, elas apresentam 86,16% de participação, na faixa dos 25 a 39 com 82,81%, na faixa dos 40 a 64 anos com 81,26% e na faixa dos 65 ou mais, com participação com 56,79%.

A tabela a seguir, apresenta a participação da população total no subsetor de saúde humana e serviços sociais em Santa Catarina, por faixa salarial.

Tabela 14 – Participação população total subsetor de saúde humana e serviços sociais, por faixa salarial em Santa Catarina (2006-2014)

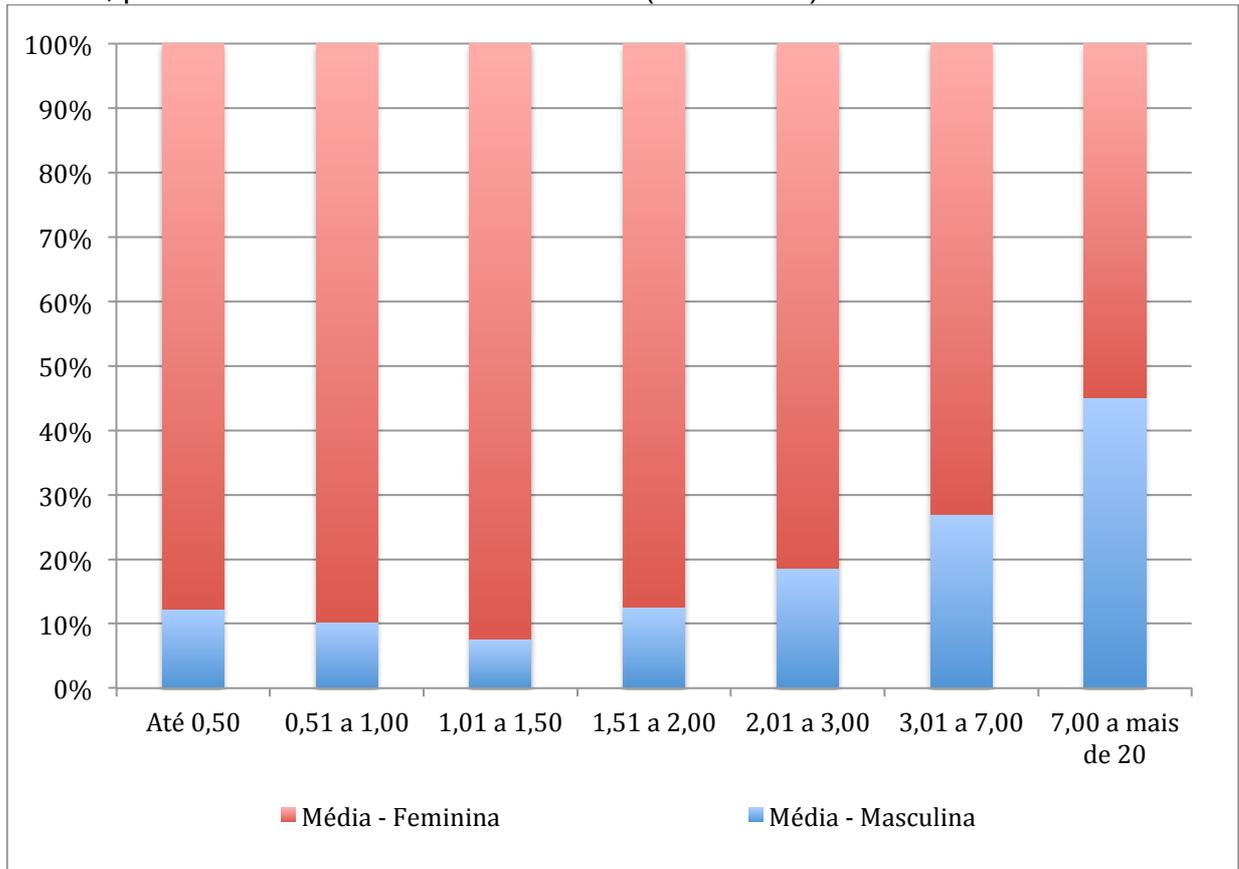
Masculino								
	Até 0,50	0,51 a 1,00	1,01 a 1,50	1,51 a 2,00	2,01 a 3,00	3,01 a 7,00	7,01 a Mais de 20,00	Total
2006	14	124	732	1106	1704	2309	728	6717
2007	11	114	668	1082	1716	2089	625	6305
2008	28	116	765	1180	1831	2233	606	6759
2009	19	117	888	1314	1900	2275	870	7383
2010	15	145	874	1454	2203	2495	953	8139
2011	13	153	788	1446	2393	2665	1016	8474
2012	22	176	926	1592	2665	2898	1144	9423
2013	19	192	953	1558	2818	3087	1203	9830
2014	13	255	728	1907	3058	3407	1433	10801
Total	154	1392	7322	12639	20288	23458	8578	73831
Feminino								
	Até 0,50	0,51 a 1,00	1,01 a 1,50	1,51 a 2,00	2,01 a 3,00	3,01 a 7,00	7,00 a mais de 20	Total
2006	80	1168	7256	7764	8200	5818	889	31175
2007	93	1074	7482	7739	7698	5158	653	29897
2008	103	1099	8303	8383	8494	5578	661	32621
2009	127	1180	9655	8932	8832	6249	1025	36000
2010	109	1260	10040	10078	9678	6778	1164	39107
2011	103	1275	9601	11307	10868	7544	1209	41907
2012	132	1450	11168	12045	11420	7779	1163	45157
2013	123	1462	11386	12327	12079	8770	1282	47429
2014	107	1424	7267	15919	13942	10171	1475	50305
Total	977	11392	82158	94494	91211	63845	9521	353598

Fonte: RAIS – MTE (2006-2014).

Segundo a tabela acima, pode-se verificar a predominância dos homens na faixa salarial de 3,01 a 7,00 salários mínimos no período de 2006 a 2014. Durante o período em análise, somou-se 73.831 homens. Na faixa salarial de 3,01 a 7,00 somou durante o período um total de 23.458 homens, o que representa 31,77%. A segunda faixa salarial com maior número é a faixa dos 7,01 a mais de 20,00 com um total de 8.578, que representa 11,61%. A menor faixa salarial e também a com menor número de homens, a faixa até 0,50 soma um total de 154, que representa 0,20%. Pode-se analisar um número maior de mulheres na faixa salarial de 1,51 a 2,00 salários mínimos no período de 2006 a 2014. Durante o período, soma-se um total de 353.598 mulheres nas faixas salariais em análise. No período de 2006 a 2014, a faixa salarial de 1,51 a 2,00 soma um total de 94.494 mulheres, representando 26,72%. Em segunda posição, a tabela mostra que a faixa salarial é de 2,01 a 3,00 salários mínimos, que somou no total 91.211 mulheres, representando assim 25,79%. Observa-se que os homens estão numa faixa salarial muito mais elevada em relação às mulheres.

O gráfico a seguir apresenta a média comparativa da população total no subsetor de saúde humana e serviços sociais em Santa Catarina, por faixa salarial.

Gráfico 16– Participação população total no subsetor de Saúde humana e serviços sociais, por faixa salarial em Santa Catarina (2006-2014)



Fonte: RAIS – MTE (2006-2014).

De acordo com o gráfico, as mulheres são a maioria nas faixas salariais mais baixas. Na faixa até 0,50, elas participam 87,70%, de 0,51 a 1,00 com 89,67%, de 1,01 a 1,50 com 92,41%, na faixa dos 1,51 a 2,00 com 87,45%, na faixas dos 2,01 a 3,00 com 81,45%, na faixa dos 3,01 a 7,00 com 73,09% e na faixa de 7,01 a Mais de 20 com 54,96%. Observa-se que nas faixas salariais mais elevadas vai aumentando o número de participação masculina, ressaltando que as mulheres participam com 82,84% e os homens de 17,15%, porém, na faixa salarial mais alta que é de 7,00 a mais de 20, os homens apresentam 45,03% de participação.

A tabela a seguir, apresenta a participação da população total no subsetor de saúde humana e serviços sociais em Santa Catarina, por escolaridade.

Tabela 15 – Participação população total no subsetor de Saúde humana e serviços, por escolaridade em Santa Catarina (2006-2014)

	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	Total
Analfabeto	8	6	4	7	8	4	2	4	5	48
Até 9ª Fundamental	591	555	563	476	484	474	474	454	469	4540
Fundamental Completo	627	537	545	555	542	527	494	501	526	4854
Médio Incompleto	432	365	368	342	359	323	353	334	398	3274
Médio Completo	2968	3016	3391	3746	4099	4300	4721	4845	5349	36435
Superior Incompleto	429	453	448	453	517	550	560	577	612	4599
Superior Completo	1748	1512	1547	1913	2267	2437	2973	3264	3588	21249
Total	6803	6444	6866	7492	8276	8615	9577	9979	10947	74999
Feminina										
	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	Total
Analfabeto	39	41	43	42	38	13	17	18	32	283
Até 9ª Fundamental	2963	2676	2707	2704	2696	2761	2750	2685	2571	24513
Fundamental Completo	3856	3329	3318	3329	3289	3295	3190	3164	3193	29963
Médio Incompleto	2168	2063	1980	2022	1991	1983	2019	1957	2033	18216
Médio Completo	16587	17015	19067	21504	23461	25422	27452	28708	30592	209808
Superior Incompleto	1567	1680	1808	1882	2172	2311	2444	2485	2471	18820
Superior Completo	4502	3835	4333	5313	6459	7245	8549	9674	10741	60651
Total	31682	30639	33256	36796	40106	43030	46421	48691	51633	362254

Fonte: RAIS – MTE (2006-2014).

A tabela acima mostra uma predominância maior dos homens no ensino médio completo. Observa-se que a maioria dos homens inseridos na saúde humana e serviços sociais tem o ensino médio completo, somando um total de 36.435 homens com o ensino médio completo, que representa 48,58%; quanto ao médio incompleto, apresentam o total de 3.274 durante o período em análise, o que representa 4,36%. Num total de 74.999 inseridos no setor ao longo do período, o número total de homens analfabetos durante o período é de 48 homens, representando assim, 0,06% de analfabetos durante o período em análise; quanto ao superior completo, apresenta-se um total de 21.249 homens, o que representa 28,33%.

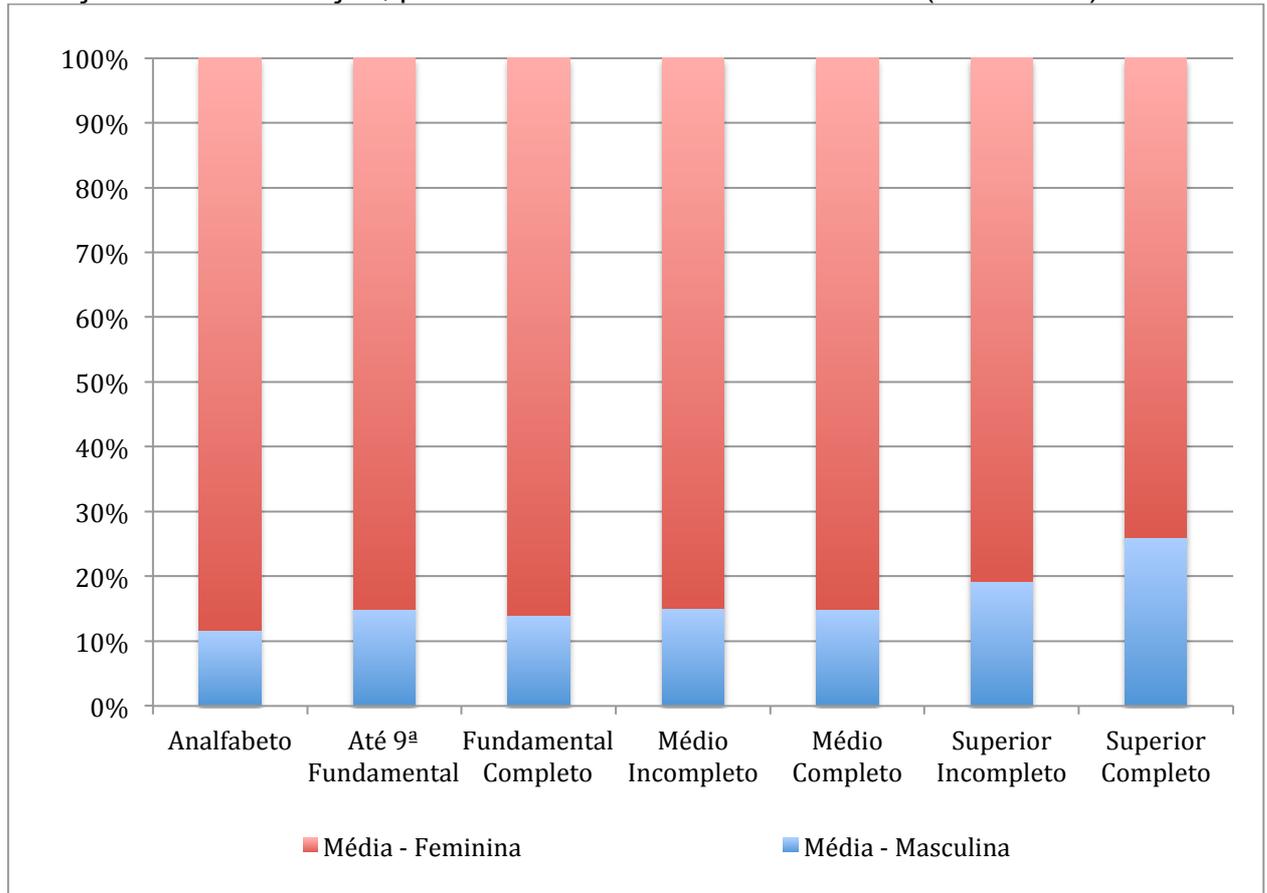
Observa-se uma predominante presença das mulheres nos níveis de médio completo e superior completo nos anos em análise. De acordo com a tabela acima, no que se refere ao ensino médio completo, as mulheres lideram com 57,91% em relação a 48,58% dos homens.

No ensino médio incompleto, encontramos 15,23% dos homens em relação 84,76% das mulheres. No que se refere ao superior completo, verifica-se uma

concentração maior da participação feminina em relação aos homens, com um percentual de 74,05%, enquanto que o percentual masculino é de 25,94%.

O gráfico a seguir apresenta a média comparativa da população total no subsetor de saúde humana e serviços sociais em Santa Catarina, por escolaridade.

Gráfico 17– Média comparativa da população total no subsetor de Saúde humana e serviços sociais educação, por escolaridade em Santa Catarina (2006-2014)



Fonte: RAIS – MTE (2006-2014).

O gráfico acima permite observar a média da escolaridade durante o período em análise. De acordo com o gráfico, observar-se que neste subsetor as mulheres têm 82,93% de participação. Existe um número maior de mulheres analfabetas até o superior completo em relação aos homens, o que se deve a elevada participação feminina no subsetor.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa teve como objetivo mostrar como ocorreu a participação feminina no setor de serviços durante o período de 2002 – 2014 em Santa Catarina. A forte participação feminina no mercado de trabalho, surge a oportunidade de falar de um setor econômico no qual elas são a maioria.

Durante a pesquisa, identificou-se que em todos os setores (com exceção ao setor de serviços) os homens são a maioria. Sendo assim, no setor de serviços no qual as mulheres são a maioria, destaca-se o fato de que elas também são mais escolarizadas que os homens no mesmo setor. Analisou-se também, o processo de inserção feminina no mercado de trabalho formal.

Pelo fato das mulheres serem mais escolarizadas que os homens neste setor, surge então a questão de estudar participação da população total de Santa Catarina por faixa salarial, de maneira que se permitiu concluir que ainda que estas sejam mais escolarizadas que os homens, a sua remuneração é inferior em relação à remuneração dos homens. O fato dos homens serem menos escolarizados que as mulheres, destaca-se o nível de analfabetismo de homens no setor de serviços é de 0,33% contra 0,18% de mulheres analfabetas. Do analfabetismo até o ensino médio incompleto, os homens apresentam maior participação, isto porque a maioria das mulheres se encontram no médio completo, ensino superior incompleto e ensino superior completo que se inclui o mestrado e o doutorado. Na questão de escolaridade, os homens estão mais concentrados no ensino médio completo, representando 34,80% enquanto que as mulheres no superior completo, representando 34,57%.

Durante a pesquisa, estudou-se dois principais subsetores do setor de serviços: educação, saúde humana e serviços sociais. Estes dois subsetores apresentam um número maior de mulheres inseridas em relação aos homens, mas ainda assim, elas possuem uma remuneração menor em relação aos homens.

Analisou-se também a faixa etária dos homens e mulheres inseridos no setor de serviços em Santa Catarina. A faixa etária que mais se destaca para as mulheres é a faixa dos 25 a 39 anos com 45,13% de mulheres e também a faixa dos 25 a 39 para os homens com 43,47%.

Analisando a faixa salarial, observa-se que a sua maioria está na faixa salarial de 1,01 a 2,00 salários mínimos, enquanto que os homens predominam na faixa de

3,00 a 7,00 salários mínimos. A pesquisa tem uma grande contribuição na questão de gênero no setor de serviços, é um setor que emprega mulheres na sua maioria, e sendo as mulheres são a maioria e mais escolarizadas, esperava-se uma remuneração alta e com esta pesquisa destaca-se o fato de que elas são mal remuneradas no setor apesar do nível de escolaridade.

Para pesquisas futuras, a sugestão de aprofundar o estudo da participação da mulher no setor de serviços em estados do país e aprofundar o estudo em subsetores do setor de serviços. Para uma pesquisa e análise de dados mais complexa, com variáveis estatísticas de maneiras que se possa obter um resultado completo.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Laís Wendel. **A inserção da mulher no mercado de trabalho**: uma força de trabalho secundária? 2007. 328p. Tese (Programa de Pós-Graduação em Sociologia). Universidade de São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-23102007-141151/pt-br.php>. Acesso em: 25 abr. 2016

ARAÚJO, Verônica Fagundes; RIBEIRO, Eduardo Pontual. Diferenciais de salários por gênero no Brasil: uma análise regional. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 33, n. 2, p.196-217, abr-jun. 2002. Disponível em: http://www.bnb.gov.br/projwebren/Exec/artigoRenPDF.aspx?cd_artigo_ren=276. Acesso em: 24 nov.2015.

BANDEIRA, Lourdes M. Prefacio. In: YANNOULAS, Silvia Cristina. **Trabalhadoras**: Uma análise da feminização das profissões e ocupações. Brasília: Editorial Abaré, 2013. p.7-19. Disponível em: <http://www.oitcinterfor.org/sites/default/files/file_publicacion/trabalhadoras.pdf>. Acesso: 24 abr. 2016.

BARBOSA, Ana Luiza Neves de Holanda. Participação feminina na força de trabalho brasileira: evolução e determinantes. In: CAMARANO, Ana Amélia (Org.). **Novo Regime Demográfico: Uma nova relação entre população e desenvolvimento?** Rio De Janeiro: IPEA, 2014. p. 407-426. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=23975. Acesso em: 24 abr. 2016.

BRASIL. **DECRETO-LEI N.º 5.452, DE 1º DE MAIO DE 1943**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del5452.htm. Acesso em: 24 nov.2015.

BRUSCHINI, Maria C. A. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 537-572, 2007. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0337132.pdf>> Acesso: 18 out. 2015.

BRUSCHINI, Cristina; LOMBARDI, Maria Rosa. Instruídas e trabalhadeiras, trabalho feminino no final do século, **Cadernos Pagu**, Campinas, n.17-18, p. 157-196, 2001. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332002000100007&lng=pt&nrm=iso . Acesso: 10 mai. 2016

CAPPELIN, Paola. As desigualdades impertinentes: telhado, paredes ou céu de chumbo? **Revista Gênero**, Niterói, v.9, n.1, 89-126, 2008. Disponível em: <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/97/73>. Acesso em: 06 jun.2016.

DIEESE -Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. PED - Pesquisa de emprego e desemprego. **A inserção da mulher no mercado de trabalho**, mar. 2013. Disponível em: <http://www.dieese.org.br/analiseped/2013/2013pedmulhermet.pdf>. Acesso em: 01 dez.2015.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. **Banco de Dados sobre o Trabalho das Mulheres** (1970 – 2007). Disponível em: <http://www.fcc.org.br/bdmulheres/serie4.php?area=series>. Acesso em: 07 nov.2015.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cad. Pesqui.**, São Paulo , v. 37, n. 132, dez. 2007 . Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742007000300005&lng=pt&nrm=iso
Acesso: 20 out. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Mulher no mercado de trabalho: perguntas e respostas. **Pesquisa Mensal de Emprego–PME**, março, 2012. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/Mulher_Mercado_Trabalho_Perg_Resp_2012.pdf
Acesso em: 25 out.2015.

KON, Anita. Sobre a economia política do desenvolvimento e a contribuição dos serviços. **Revista de Economia Política**, v. 27, n. 1 (105), p. 130-146, janeiro-março/2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-31572007000100007&script=sci_abstract
Acesso em: 28 mar. 2016.

MELO, Hildete Pereira, SABBATO, Alberto Di. A estrutura econômica num prisma de gênero-PNAD/IBGE 2008, **Revista Gênero**, Niterói, vol.12, n.1, p.23-59, 2011. Disponível em: <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/393>.
Acesso em: 17 abr. 2016

MEIRELLES, Dimária Silva. O Conceito de Serviço. **Revista de Economia Política**, vol. 26, no 1 (101), pp. 119-136 janeiro-março/2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31572006000100007
Acesso: 28 mar. 2016.

MELO, Hildete Pereira de et al. O setor serviços no Brasil: uma visão global — 1985/95. **Texto para Discussão N° 549**. Rio de Janeiro: IPEA, 1998. Disponível em: http://www.en.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/TDs/td_0549.pdf.> Acesso em: 28 mar.2016.

OMETTO, Ana Maria Holland; HOFFMANN, Rodolfo; ALVES, Marcelo Corrêa. Participação da Mulher no Mercado de Trabalho: Discriminação em Pernambuco e São Paulo. **Revista Brasileira de Economia**, Rio de Janeiro, v.53, n.3, p.287-322,

1999. Disponível em:

<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rbe/article/view/757/8112>. Acesso em: 04 abr.2016.

ROMCY, Daniela; BRITES, Jurema G.. As mulheres na construção civil: algumas notas a partir de um trabalho de campo. **Revista Vernáculo**, n. 36, 2, 2015. Disponível em: <http://www.ser.ufpr.br/>>. Acesso em: 16 jun.2016.

SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, n. 2, jul./dez. p. 71-99, 1995.

TEIXEIRA, Marilane Oliveira. Desigualdades salariais entre homens e mulheres a partir de uma abordagem de economistas feministas. **Revista Gênero**, Niterói, vol.12, n.1, p. 31-45, 2008. Disponível em:

<http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/94/70>.

Acesso: 13 mar. 2016.